

cinemateca
OUTUBRO 2023

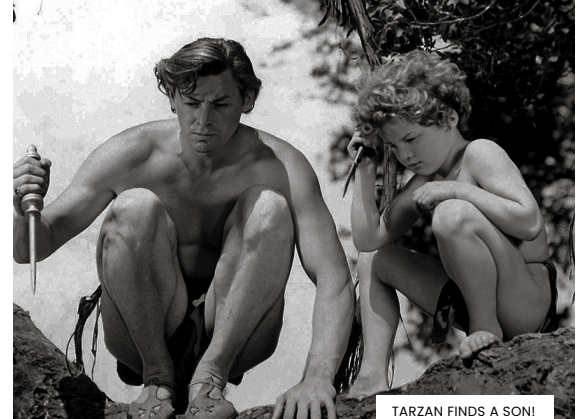
**O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA
CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL**
URI ZOCHAR
WILLIAM FRIEDKIN



CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

A selva e a vida selvagem invadem os sábados de outubro na Rua Barata Salgueiro. O mês não evoca as liberdades da vida animal nem o calor dos trópicos, mas os filmes têm esse poder de nos transportar para outras realidades, outras latitudes, outros valores e visões do mundo. Grande parte das escolhas do mês são valores seguros do cinema, mas trazem consigo as marcas do seu tempo e representações do mundo muito discutíveis – colonialismo, etnocentrismo, racismo e patriarcado. E isso parecendo mau é bom, porque provoca a discussão, mostra de onde viemos, as coisas boas e más do passado e sobretudo aquilo que não deve ser repetido, como, por exemplo, a censura *bem-pensante* e a ignorância.

Começamos com uma compilação de seis curtas-metragens de animação dos estúdios Aardman. Os nossos conhecidos WALLACE & GROMIT são os mestres de cerimónia que abrem e fecham a compilação, mas as verdadeiras surpresas – umas selvagens, outras nem tanto – estão no miolo. Apenas duas palavras mágicas: *Creatures Comforts*, ou mal traduzido, os “Confortos do Zoo”. Desses “confortos”, pulamos de liana para a selva de Tarzan. Esta personagem nascida nos livros do escritor norte americano Edgar Rice Burroughs teve várias encarnações na tela, mas a mais célebre e duradoura é a do nadador Johnny Weissmuller, que vestiu a pele do herói em doze filmes. Escolhemos a aventura de 1939, TARZAN ENCONTRA UM FILHO!, porque gostamos de famílias e esta tem o atrativo suplementar de viver de tanga. Da selva africana pulamos para a selva asiática d’O LIVRO DA SELVA. Com esta divertidíssima animação da Disney vamos conhecer as aventuras de Mowgli, uma espécie de Tarzan adotado por lobos, ou melhor uma inspiração para o Tarzan, que nasceu depois e que à falta de lobos em África foi criado por macacos. O último salto de liana faz-se para um clássico dos anos 30, KING KONG. O lendário gorila gigante que se perde de amores pela atriz Fay Wray e luta pela vida no topo do Empire State Building, numa das cenas más icónicas da História do cinema e dos efeitos especiais. Já não de liana, mas de caiaque, vamos até à oficina FILMAR O MUNDO COM OLHOS DE VER, que tem como ponto de partida o histórico documentário NANOOK, O ESQUIMÓ (que completou este ano 100 anos de existência) para nos fazer pensar sobre o que queremos dizer quando pegamos numa câmara para filmar a vida como ela é.



► Sábado [07] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

WALLACE & GROMIT

As Aventuras de Wallace e Gromit

de Nick Park, Jeff Newitt, Peter Lord, Richard Golezowski
Grã-Bretanha, 1996 – 76 min / legendado em português | M/6

Compilação de curtas-metragens de animação produzidas pelo famoso estúdio inglês Aardman, entre as quais se destacam duas aventuras dos impagáveis Wallace e Gromit: “Dia de Folga” e “As Calças Trocadas”. Destaque para esta última aventura em que os nossos heróis enfrentam um pinguim ladrão e pela qual ganharam um Oscar. Para além das estrelas do estúdio, a compilação dá a conhecer outras personagens geniais, os animais do Zoo e os seus problemas existenciais e um Adão solitário à espera duma Eva.

► Sábado [14] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TARZAN FINDS A SON!

Tarzan Encontra um Filho!

de Richard Thorpe
com Johnny Weissmuller, Maureen O’Sullivan,
Johnny Sheffield

Estados Unidos, 1939 – 82 min
legendado em português | M/6

Tarzan encontra um bebé, sobrevivente dum acidente de avião, e decide formar uma família de bons selvagens, juntamente com Jane e a Cheeta. Serão bem sucedidos? Esta é a quarta aventura do herói da selva na pele de Johnny Weissmuller, a sua mais celebrada e portentosa encarnação.

► Sábado [21] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE JUNGLE BOOK

O Livro da Selva

de Wolfgang Reitherman

Estados Unidos, 1967 – 76 min / dobrado em português do Brasil | M/4

O último grande filme de animação controlado pelo lendário Walt Disney. É a adaptação de um livro muito popular entre os adolescentes (e não só), escrito em finais do século XIX por Rudyard Kipling. A história é a de um menino adotado por lobos na floresta indiana e as suas aventuras a caminho da aldeia dos humanos, ao lado do urso Baloo e da pantera Baghera, alvo de caça pelo perigoso tigre Shere Khan.

Sessão Descontraída

S A sessão decorre numa atmosfera mais acolhedora e com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

► Sábado [28] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KING KONG

King Kong

de Merian C. Cooper, Ernest B. Schoedsack
com Fay Wray, Robert Armstrong, Bruce Cabot

Estados Unidos, 1933 – 94 min / legendado em português | M/12

Uma versão delirante de *A Bela e o Monstro*. Um filme que marca uma data na História do cinema, em parte por causa dos extraordinários efeitos especiais de Willis O’Brien: numa ilha dos mares do Sul, uma equipa de cinema descobre um mundo pré-histórico e captura o lendário gorila gigante King Kong. A paixão da fera pela bela Fay Wray será o seu fim na famosa sequência do Empire State Building. KING KONG foi objeto de algumas paródias e dois *remakes*, em 1976 e em 2005.

OFICINAS

► Sábado [28] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca da Cinemateca

FILMAR O MUNDO COM OLHOS DE VER

Conceção e orientação: Maria Remédio

Duração: 2 horas

Crianças dos 8 aos 12 anos

Preço: 4,00€ por criança

MARCAÇÃO PRÉVIA PARA cinemateca.junior@cinemateca.pt
ATÉ 23 DE OUTUBRO

O que é um documentário? Como se filma o quotidiano do mundo? Como escolhemos a história que queremos contar? E como a mostramos? Nesta oficina vamos viajar até uma paisagem branca e fria, onde vive a família de Nanook, o esquimó!

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA - CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL	03
URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA	08
SANGUE E NERVO: O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN	09
HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES: OS FANTASMAS DO ÍNTIMO	10
IN MEMORIAM JANE BIRKIN	11
IN MEMORIAM JACQUES ROZIER	11
SÁBADOS CLÁSSICOS	12
COM A LINHA DE SOMBRA	12
NOS 25 ANOS DA AIP	12
O CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS	13
ANTE-ESTREIAS	13
DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL	14
INADJECTIVÁVEL	14
O QUE QUERO VER	14
IMAGENS EM MOVIMENTO – CINEMA PORTUGUÊS EM DIÁLOGO	14
CALENDÁRIO	15

CAPA THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS

de Pare Lorentz [Estados Unidos, 1936]

AGRADECIMENTOS

Billy Woodberry, Carla Osório, Inês Ponte, José Nascimento, Marco Martins, Pedro Costa, Vasco Vieira, Amândio Reis, José Bértolo, Tom Hurwitz, Lynanne Schweighofer (Library of Congress – Washington); Todd Wiener, Steven Hill (UCLA); Ana Gallego (Filmoteca Española); Hannah Prouse (British Film Institute); Gesa Knole (Arsenal Kino – Berlin); Mickey Grahl (Chicago Film Archives); Arianna Tucci (Cinemathèque Royale – Bruxelles); Meir Russo (Cinemateca de Jerusalém); Beth Rennie (George Eastman House); Kattie Trainor (Museum of Modern Art); Brent Phillips (Rockefeller Archiv Center), Georgian National Film Center.

FLAD

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O Documentário em Marcha - Conturbados Anos 30 na América do New Deal

COM O APOIO DA FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO E A COLABORAÇÃO ESPECIAL DO DEPARTAMENTO DE CINEMA DO MoMA

// Claro que me lembro dos anos 30; dos terríveis, conturbados, triunfantes e agitados anos 30. Não consigo lembrar-me de nenhuma outra época da História em que tenham acontecido tantas coisas, e em tantas direções." O testemunho pertence a John Steinbeck ("Uma Introdução aos Anos 30"), o autor desse clássico da literatura sobre a Grande Depressão chamado *As Vinhas da Ira*. Steinbeck reflete, ali, sobre a complexidade de um tempo em que a América enfrenta inúmeras dificuldades, respondendo-lhes com a promessa de uma sociedade mais justa e solidária, assistida por um Estado que saiba ouvir os anseios dos mais necessitados.

As aspirações políticas eram altas entre os documentaristas que souberam consubstanciar, numa certa práxis cinematográfica, as inquietações, os problemas e as reformas, mais ou menos triunfantes, postas em marcha nesse tempo conturbado. Às tempestades de areia que assolaram as Grandes Planícies, ao choque financeiro que atirou milhões de pessoas para a miséria, à criminalidade galopante e à ascensão do fascismo (que tinha no Ku Klux Klan o seu rosto mais visível), o governo chefiado por Franklin D. Roosevelt foi respondendo com medidas sociais e económicas (o New Deal) que pretendiam não deixar ninguém para trás. Pare Lorentz e os realizadores de coletivos como a Workers Film and Photo League, a NYKino e a Frontier Films, destacando-se, entre eles, Herbert Kline, Irving Lerner, Leo Hurwitz, Paul Strand, Ralph Steiner e Willard Van Dyke, inscreveram o seu nome num movimento geral que se encontrava, então, em curso por todo o mundo: o do Documentário.

Estes cineastas propunham-se atacar os problemas candentes do momento, mas também projetaram soluções (políticas, sociais, económicas e cinematográficas) para o dia de amanhã, antecipando conflitos sangrentos dentro e fora de portas (formas de opressão que iam da ascensão do nazismo na Europa à repressão, antissindical e racista, no coração da América) e sonhando com uma nova paisagem social, política e, inclusive, ambiental (sensível às condições de vida do cidadão comum, à salubridade dos campos cultiváveis, à desertificação do interior e à qualidade da habitação, e do ar, nas grandes cidades). O polo americano do documentário no período "entre guerras" respondeu aos tempos terríveis e conturbados com uma série de promessas (nem todas cumpridas), acalentando, nalguns casos, a possibilidade do sonho socialista mas também enfrentando a dura realidade de uma sociedade e de um cinema (ainda) impreparados para uma mudança tão profunda.

O Documentário em Marcha: Conturbados Anos 30 na América do New Deal, programa concebido em colaboração com o Doclisboa, é o mais ambicioso e abarcante sobre este período alguma vez realizado no nosso país, misturando clássicos da História do cinema com obras em relação às quais urge a descoberta, muito também à luz do que tem sido a evolução do documentário como forma política e das convulsões históricas em curso, tais como a guerra e as crises que nos afligem: ambiental, económica, política e moral. Os cineastas americanos do New Deal oferecem, deste modo, ferramentas que nos poderão ajudar a encarar os nossos dias com alguma esperança, mas também investidos de uma renovada capacidade de mobilização, aliando, desta forma, criatividade, visão crítica e ação política num grande movimento de cinema que nos sabe implicar a todos. Será publicada uma edição sobre o documentarismo americano deste período.

► Quinta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSAIC TEXTILE STRIKE

de Samuel Russak

com George Ashkenudse, John J. Ballam, Lena Chernenko

Estados Unidos, 1926 - 76 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Filme engajado, realizado em solidariedade com trabalhadores têxteis em greve, em Passaic, Nova Jérсия, envolvendo-os no processo de produção, nomeadamente como atores interpretando os seus próprios papéis. O objetivo deste filme, com fotografia de Lester Balog, Sam Brody e William Schwartzfeller, tornar-se-ia a principal missão de organizações de esquerda como a Workers Film and Photo League (Balog e Brody fariam parte da equipa fundadora), a NYKino e a Frontier Films: denunciar os abusos cometidos, pelas empresas ou os seus braços armados, e pelas forças policiais contra quem reclamava por condições justas de trabalho. O apelo é, como continuaria a ser nos anos quentes da Depressão, à união entre os trabalhadores. Realizado no mesmo ano de MAT/A MÃE de Pudovkin, PASSAIC TEXTILE STRIKE resulta de uma dramatização da luta destes trabalhadores, em particular de uma família-tipo, os Breznac, no combate a um implacável corte de vencimentos, encontrando força e apoio junto do sindicato. Para o historiador e realizador Kevin Brownlow, trata-se "de um verdadeiro filme de massas ao estilo comunista, o primeiro filme do género a ser realizado na América".



NATIVE LAND

► Quinta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA "TORNANDO-SE UMA CÂMARA: EXPERIÊNCIAS FORMAIS NA E COM A REALIDADE DO FILME"

MANHATTA

de Charles Sheeler, Paul Strand

Estados Unidos, 1921 - 9 min

H2O

de Ralph Steiner

Estados Unidos, 1929 - 13 min

A BRONX MORNING

de Jay Leyda

Estados Unidos, 1934 - 11 min

OIL: A SYMPHONY IN MOTION

de Artkino (M. G. MacPherson)

Estados Unidos, 1933 - 8 min

FOOTNOTE TO FACT

de Lewis Jacobs

Estados Unidos, 1933 - 8 min

HANDS

de Ralph Steiner, Willard Van Dyke

Estados Unidos, 1934 - 4 min

duração total da projeção: 53 minutos
legendados eletronicamente em português | M/12

Pensar a realidade do seu tempo implicava saber pensar as formas, nos termos da própria linguagem cinematográfica. A "escola" das vanguardas representou isso, quer dizer, um campo de treino ideal, para os cineastas politicamente engajados do período do New Deal. MANHATTA é, cronologicamente, a primeira "sinfonia urbana" que se conhece. Baseado num poema de Walt Whitman e realizado por dois fotógrafos (um, Strand, também realizador, nome de capital importância no seio do movimento documental em questão, e outro, Sheeler, também pintor e tendo a cidade como musa), MANHATTA justapõe às palavras de Whitman imagens de forte carga poética. Foi filmado num registo amador, mas acabou por ser um êxito de bilheteira quando foi distribuído com o título NEW YORK THE MAGNIFICENT. Estudo sobre a água, logo, sobre a forma ou o informe, H2O é um "clássico" das vanguardas, exercício de Ralph Steiner realizado à maneira de um Man Ray e influenciando decisivamente o que viria a ser, por exemplo, PORTRAIT OF A YOUNG MAN IN THREE MOVEMENTS, cine-poema de Henwar Rodakiewicz. Da macro escala de Strand e Sheeler passamos para a escala mais humana e intimista de Jay Leyda, na sua ode ao Bronx, em A BRONX MORNING. Fazendo da observação uma arte do quotidiano, Leyda, futuro estudioso de Eisenstein, aproxima a experiência formalista do contacto com o mais humano, fazendo, com isso, também um retrato da diversidade cultural e social do bairro. Uma história épica em que o protagonista é o petróleo: toda a história da América, em OIL: A SYMPHONY IN MOTION, outro filme sob clara influência soviética (e de Abel Gance), resulta numa celebração do movimento, do poder da máquina ou da indústria. Numa montagem que lembra tanto D. W. Griffith quanto Dziga Vertov, Lewis Jacobs produz, em FOOTNOTE TO FACT, uma sinfonia urbana sobre a Grande Depressão no ano que marca o início do New Deal, balanceando o rápido movimento da sociedade americana rumo à perdição (sem-abrigo, veteranos da Guerra esquecidos, alcoólicos caídos pelas ruas) com o de uma mulher em casa, entregue ao vai-e-vem da sua cadeira de balanço. HANDS é uma obra imbuída do espírito do New Deal de Roosevelt, já que se concentra numa montagem de planos em que vemos "mãos à obra", trabalhando, curando, fazendo arte, cozinhando, escrevendo e transacionando valores. Imagem-síntese de uma economia que pulsa perante as adversidades, numa obra encomendada pela Works Progress Administration e assinada por Willard Van Dyke e Ralph Steiner, dois nomes maiores do polo americano do documentário dos anos 30.

► Quinta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA "RÚSSIA: SEGODNYA"

SEGODNYA

"Hoje (Canhões ou Tratores)"

de Esfir Schub

URSS, 1929 – 65 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Lição viva de montagem soviética pelas mãos de uma das suas mais influentes intérpretes. Afim de Eisenstein (foi sua professora no VGKI) e, sobretudo, de Dziga Vertov (com quem trabalhou na Goskino), Schub foi uma realizadora e montadora notável, integrando imagens de arquivo num tecido dinâmico e eminentemente dialético. Aqui, Schub compila imagens do "paraíso socialista", onde agricultores e operários celebram os frutos da vida, contrapostas às imagens da América, onde o capitalismo ganha forma com custos vários (repressão, deboche e guerra) para a população. Jay Leyda (*Films Beget Films: A Study of the Compilation Film*), exegeta e tradutor de Eisenstein, bem como documentarista americano do período do New Deal, foi um dos primeiros ocidentais a analisar a obra de Schub, considerando-a a pioneira do "filme de composição".

► Sexta-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA "RÚSSIA: O CAMINHO PARA A PRISÃO [RECREIAÇÃO]"

BONUS MARCH 1932

de Leo Seltzer

Estados Unidos, 1933 – 12 min

POUTIOVKA V JIZN

"O Caminho da Vida"

de Nikolai Ekk

com Nikolai Batalov, Yvan Kyrlya,
Mikhail Dzhagofarov, Mikhail Zharov

URSS, 1931 – 93 min

duração total da projeção: 105 minutos
legendados eletronicamente em português | M/12

Workers Newsreel, produzido no âmbito da Workers Film and Photo League, BONUS MARCH documenta a manifestação de ex-veteranos da Primeira Guerra Mundial rumo a Washington e a resposta violenta da polícia, guiada pelo general MacArthur e com a complacência do Presidente Hoover. Formado na fábrica teatral de Meyerhold, discípulo de Eisenstein, Pudovkin e Kulechov (em relação aos quais era apenas ligeiramente mais novo), Nikolai Ekk realizou uma obra curta ao longo dos anos trinta da qual este foi o primeiro e mais célebre título. Filme original imediatamente reconhecido em todo o mundo (tendo obtido o prémio para melhor realizador no primeiro Festival de Veneza em 1932), "O CAMINHO DA VIDA" foi o primeiro filme de ficção sonoro soviético e uma obra que não cessou de levantar questões em torno do seu tema de base (a "reeducação da infância pelo trabalho") e da própria realização, nomeadamente quanto ao trabalho do som.

► Sexta-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA "UMA NOVA ESPERANÇA?"

HUNGER 1932

de Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1933 – 18 min

GABRIEL OVER THE WHITE HOUSE

de Gregory La Cava

com Walter Huston, Karen Morley,
Franchot Tone, Arthur Byron

Estados Unidos, 1933 – 86 min

duração total da projeção: 104 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Workers Newsreel produzido no âmbito da New York Film and Photo League, resultante da colaboração entre Sam Brody, Robert del Duca, Leo Hurwitz, Conrad Friberg e Leo Seltzer, HUNGER documenta um evento histórico: a marcha contra o desemprego e a miséria, uma iniciativa originada pelo National Unemployed Council, organização com ligações ao Partido Comunista. Uma multidão sem fim avança rumo aos centros de decisão, culminando a marcha junto ao Capitólio, mas não sem antes enfrentar bloqueios vários, nomeadamente ataques violentos da polícia. GABRIEL OVER THE WHITE HOUSE é uma parábola sobre a eleição de Franklin D. Roosevelt em 1932 como

Presidente dos Estados Unidos, que hoje adquire uma singular atualidade. O novo escolhido pouco se interessa pelos destinos da nação, mas após sofrer um acidente opera-se uma transformação e vai enfrentar a crise económica, contra tudo e contra todos. Um dos mais singulares filmes jamais feitos sobre um Presidente dos Estados Unidos.

► Sexta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA "GUERRAS DE INFORMAÇÃO AO ESTILO DOS ANOS 30"

THE NEWS PARADE OF 1934!

Estados Unidos, 1934 – 10 min

THE WORLD IN REVIEW

de Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1934 – 7 min

AMERICA TODAY

de Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1934 – 6 min

CONFIDENCE

de Bill Nolan

Estados Unidos, 1933 – 8 min

THE GREAT DEPRESSION

de Maurice Bailen

com Jacques Jacobsen

Estados Unidos, 1934 – 18 min

CENTURY OF PROGRESS

Estados Unidos, 1934 – 10 min

MARIAN ANDERSON: THE LINCOLN MEMORIAL CONCERT

Estados Unidos, 1939 – 8 min

ONE TENTH OF OUR NATION

de Felix Greene

Estados Unidos, 1940 – 26 min

duração total da projeção: 93 minutos
legendados eletronicamente em português | M/12

Espécie de jornal cinematográfico que permitia aos espectadores tomar o pulso ao mundo, a série de atualidades *Hearst Metrotone News*, detido pelo famoso – e infame – magnata da comunicação William Randolph Hearst, debruçava-se sobre o ano de 1934 e se, por um lado, a Europa parecia tomada pela incerteza e o despotismo de lideranças autocráticas, nos Estados Unidos o pacote de medidas do New Deal avançava, mas também as manifestações, repressão policial e uma vaga criminosa enchiam as manchetes. Produzidas pela Film and Photo League (FPL), em associação com a Workers International Relief, AMERICA TODAY e THE WORLD IN REVIEW foram atualidades dirigidas por Leo Hurwitz, que fez delas um panorama do New Deal, documentando manifestações, greves, casos de tribunal e as convulsões políticas por todo o mundo, partindo de uma perspetiva única: a da classe operária. Como era prática na época, a acompanhar os jornais filmados, costumavam ser exibidos filmes de animação: CONFIDENCE, de Bill Nolan (um dos animadores mais apreciados do período), é uma alegoria política, ao jeito de uma *Animal Farm* do New Deal, que conta como é que o Presidente Roosevelt detém e tão bem sabe administrar a panaceia para o mal que aflige os animais da fazenda. O assunto torna-se mais duro e difícil de encarar em THE GREAT DEPRESSION, filme produzido pela Chicago Film and Photo League, que retrata um homem sem nome (interpretado por Jacques Jacobsen) em busca de emprego. A sua perspetiva contamina cada série de imagens captadas *in loco*, sobretudo de uma vasta população de sem-abrigo e de manifestantes reclamando por alguma forma de apoio governamental. Produzido pelo polo da San Francisco Film and Photo League, CENTURY OF PROGRESS, filme de montagem acelerada e dialética, de clara inspiração soviética, parte da exposição internacional do mesmo nome, que decorreu em Chicago entre 1933 e 1934, para visitar criticamente os ditos "cem anos de progresso" da História americana: que progresso? Em benefício do quê e de quem? MARIAN ANDERSON: THE LINCOLN MEMORIAL CONCERT é um impressionante documento sobre o exemplo da cantora de ópera afro-americana, Marian Anderson, que, após ter sido impedida de cantar no Constitution Hall, foi convidada pela primeira dama, Eleonor Roosevelt, a dar um concerto no Lincoln Memorial, o que aconteceu

perante cerca de 75 000 pessoas. Com música de Roy Harris e narração de Maurice Ellis, ONE TENTH OF OUR NATION mostra-nos o período do New Deal através da perspetiva de uma especialmente empobrecida comunidade afro-americana. É na integração e na educação que este documentário historicamente relevante mostra uma saída.

► Sábado [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA: "FACTOS DRAMÁTICOS PARA TEMPOS DRAMÁTICOS..."

PIE IN THE SKY

de Ralph Steiner

com Russell Collins, Elia Kazan, Elman Koolish, Irving Lerner

Estados Unidos, 1935 – 22 min

MILLIONS OF US. A STORY OF TODAY

de Jack Smith (Slavko Vorkapich), Tina Taylor

Estados Unidos, 1934 – 17 min

PEOPLE OF THE CUMBERLAND

de Robert Stebbins (Sidney Meyers),
Eugene Hill (Jay Leyda)

Estados Unidos, 1937 – 18 min

duração total da projeção: 57 minutos
legendados eletronicamente em português | M/12

A abrir a sessão, a primeira experiência cinematográfica de Elia Kazan, integrado num coletivo, The Group Theatre, teatro experimental ideologicamente à esquerda. Ralph Steiner havia realizado H2O, substituindo, aqui, o prazer da arte "for art's sake" pela sátira social, política e religiosa, tendo ainda o filme beneficiado do contributo de Irving Lerner e de Leo Hurwitz, no âmbito do grupo NYKino, nascido de uma certa insatisfação em relação à maneira estandardizada de se fazer documentário ou de se comentar a realidade do seu tempo. Pungente mistura de documentário com ficção, protagonizada por um homem à procura de emprego na América dilacerada pela crise económica, MILLIONS OF US é uma história de perda e (re)conversão ideológica, com fundo e forma de clara inspiração soviética. PEOPLE OF THE CUMBERLAND, importante título da Frontier Films, junta Sidney Meyers e Jay Leyda, com assistência de Elia Kazan, na realização de um dos documentários mais icónicos do período, sobre um território devastado pela miséria, durante os anos da Depressão: a paisagem rural do Tennessee. A saída oferecida pelo documentário radica na educação, exaltando o caso da Highlander Folk School, escola gerida pelo educador Miles Horton, como bandeira do progresso.

► Sábado [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA "THE PLOW: PROPAGANDISTAS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS! [RECREIAÇÃO]"

A COLOUR BOX

de Len Lye

Reino Unido, 1935 – 4 min

THE FACE OF BRITAIN

de Paul Rotha

Estados Unidos, 1935 – 18 min

TRIUMPH DES WILLENS (PRIMEIRA BOBINA)

"O Triunfo da Vontade"

de Leni Riefenstahl

Alemanha, 1934 – 18 min

THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS

de Pare Lorentz

Estados Unidos, 1936 – 25 min

duração total da projeção: 65 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Desafiado pelo recém-criado Museum of Modern Art Film Library para organizar uma primeira sessão pública de THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS, poema visual e sonoro que comoveu Franklin D. Roosevelt, sobre as tempestades de poeira que assolaram alguns estados americanos, acentuando a crise na região, Pare Lorentz acedeu à ideia, sabendo que tinha de acompanhar o seu filme de outros títulos provenientes de diferentes latitudes geográficas, num evento que envolvesse embaixadas de vários países. O resultado foi a sessão que agora se apresenta, reconstituída (quase) na íntegra (fica a faltar, nesta sessão, o filme ucraniano HARVEST FESTIVAL, de 1935, mostrado a seguir a A COLOUR BOX, e o filme francês MIDI, Jean Dréville, exibido imediatamente antes de

THE PLOW..., com este último colocado estrategicamente no fim), a mesma que mostrou ao mundo um clássico deste período, no dia 10 de maio de 1936, num grande salão de baile do Mayflower Hotel. Na plateia estavam membros da equipa da Casa Branca, do corpo diplomático e do Supremo Tribunal. Os filmes foram escolhidos em estreita articulação com Lorentz, defendidos como o paradigma daquilo que estava a ser desenvolvido no campo do documentário, por exemplo, denunciando uma ligação à grande escola do cinema britânico, nas figuras de Paul Rotha e Len Lye. A escolha mais polémica – que motivou alguns abandonos de sala – recaiu sobre a passagem da primeira bobina de TRIUMPH DES WILLENS, o filme de propaganda nazi realizado por Leni Riefenstahl: “Com o batalhão do Serviço de Trabalho do Reich (...) a cantar ‘o objetivo é nosso’, grande bobina”, referiu Lorentz em entrevista televisiva concedida a Elwy Yost.

► Segunda-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA: “THE PLOW: LORENTZ & VIDOR”

THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS

de Pare Lorentz

Estados Unidos, 1936 – 25 min

OUR DAILY BREAD

O Pão Nosso de Cada Dia

de King Vidor

com Karen Morley, Tom Keene,

Barbara Pepper, John Qualen

Estados Unidos, 1934 – 80 min

duração total da projeção: 105 min

legendados eletronicamente em português | M/12

THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS nasceu da vontade de Pare Lorentz, prestigiado crítico de cinema, de documentar a paisagem americana fustigada pelas tempestades de poeira, a chamada *Dust Bowl*, durante os anos de chumbo da Grande Depressão. O livro fotográfico *The Roosevelt Year*. A *Photographic Record* serviu de aproximação decisiva, sendo convidado pelo próprio Presidente para realizar um filme enquanto realizador ao serviço – e consultor na área do cinema – da Resettlement Administration. King Vidor terá intercedido por Roosevelt para lhe arranjar algumas imagens de arquivo que acabaram na montagem final do filme, ajudando a torná-lo, também muito graças à música original de Virgil Thomson, “um melodrama da natureza – a tragédia da relva transformada em pó” – palavras do próprio Lorentz, escrevendo, ainda na qualidade de crítico de cinema, sobre o seu próprio filme. A cumplicidade entre Vidor e Lorentz vai além de uma história de favores. OUR DAILY BREAD, outrossim um “melodrama da natureza”, desta feita, ficcional, conta a história de um casal de cidadãos atingidos pela crise, que regressa ao campo, formando uma comunidade agrícola com outros na mesma situação. Um dos grandes momentos do cinema: a construção da conduta de água para a plantação.

► Segunda-feira [23] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MESA-REDONDA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA: CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL

Como caracterizar, do ponto de vista social, político e estético, o cinema ideologicamente de esquerda que emergiu do contexto da Grande Depressão para servir de suporte às medidas reformistas do Presidente Franklin D. Roosevelt? Em que medida o Estado, por um lado, e os vários coletivos de artistas, por outro, responderam às exigências do tempo durante e imediatamente após o período do New Deal? De que maneira podemos atualizar ou adaptar a forma, a mensagem e o modo de produção destes filmes às inquietações que dominam os nossos dias, como a guerra, o racismo, a crise ambiental e de costumes, e em face dos mais recentes modos de ver e fazer documentário?

Estas e outras questões serão encaradas numa mesa-redonda sobre o cinema produzido durante o período do New Deal nos Estados Unidos da América. A participar, estarão, vindos de Nova Iorque, os convidados Tom Hurwitz, realizador, diretor de fotografia e investigador, filho de Leo Hurwitz, um dos nomes centrais do período em questão (e, por isso, um dos mais representados no programa), e Tanya Goldman, investigadora académica e professora universitária que se tem especializado na



A BRONX MORNING

história do cinema documental americano realizado durante e imediatamente após o New Deal. Integrarão ainda a conversa o diretor da Cinemateca Portuguesa, José Manuel Costa, e os programadores da retrospectiva, Justin Jaeckle e Luís Mendonça. A conversa decorrerá em inglês sem tradução simultânea. Entrada livre mediante levantamento de bilhete 60 minutos antes do início da sessão.

► Segunda-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA “THE WORLD TODAY & REDES [RECREIAÇÃO]”

THE WORLD TODAY: SUNNYSIDE: THE SECOND BATTLE OF LONG ISLAND

Estados Unidos, 1934 – 7 min

THE WORLD TODAY: BLACK LEGION

Estados Unidos, 1937 – 6 min

REDES

de Emilio Gómez Muriel, Fred Zinnemann

com Silvio Hernández, David Valle González,

Rafael Hinojosa

México, 1936 – 65 min

duração total da projeção: 78 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Mais de dez anos antes de LA TERRA TREMA, Emilio Gómez Muriel, Fred Zinnemann e o fotógrafo Paul Strand recorreram a atores não-profissionais mexicanos, pescadores de profissão vivendo numa aldeia perto de Vera Cruz, para protagonizarem uma história sobre a exploração do homem pelo homem assinada por Henwar Rodakiewicz, o próprio Strand e Agustin Velásquez Chávez. Apesar de ou por ter sido produzido pelo governo progressista mexicano, foi recebido em Nova Iorque como o paradigma da produção documental a sair do coletivo NYKino, onde Strand desempenhou um papel preponderante. De acordo com Tom Hurwitz (*As Raízes de Native Land*), REDES mostrou a estes realizadores engajados “planos que não apenas evidenciavam o seu brilhantismo como criador de imagens, como também tinham o potencial de levar o documentário para a frente.” Conta ainda o filho de Leo Hurwitz, no mesmo artigo, que Redes costumava ser exibido com duas das produções iniciais com a chancela NYKino, os dois segmentos da série documental THE WORLD TODAY, uma espécie de resposta ao célebre THE MARCH OF TIME: “ambos tinham atores e imagens de atualidades. Os segmentos foram chamados: BLACK LEGION, acerca da ascensão de grupos fascistas semelhantes ao Klan no *Midwest*; e SUNNYSIDE, sobre a resistência dos bairros contra os despejos numa área da classe trabalhadora em Queens, Nova Iorque.”

► Terça-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “ESTA MÁQUINA MATA FASCISTAS: AS DUAS FRENTE DA GUERRA DE IVENS”

THE SPANISH EARTH

de Joris Ivens

Estados Unidos, 1937 – 52 min

THE 400 MILLION

de Joris Ivens, John Ferno

Estados Unidos, 1938 – 53 min

duração total da projeção: 105 min

legendados eletronicamente em português | M/12

A agonia da Guerra Civil Espanhola de 1936–39 é a realidade retratada por SPANISH EARTH, cujo comentário foi escrito e dito por Ernest Hemingway, e que permanece como um dos mais intensos testemunhos do conflito que dividiu Espanha. Escreveu Ivens: “A Espanha é essa fragilidade do futuro, sem exaltação, sem heroísmo, uma espécie de sempre renovada incerteza que dava às nossas relações, ao mínimo gesto esboçado, ao mínimo olhar trocado, a riqueza dum gesto ou dum olhar único.” THE 400 MILLION é um dos mais famosos filmes de Joris Ivens na fase intermédia da sua obra, e o princípio da sua relação com a China. Feito com o apoio do Partido Comunista Chinês, mas acompanhando também as forças republicanas e os vários grupos de guerrilha, documenta a guerra e a resistência chinesa perante a invasão japonesa. Um dos operadores que colaboraram com Ivens foi o futuramente famoso Robert Capa.

► Terça-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “ESTA MÁQUINA MATA FASCISTAS: NOVAS FRONTEIRAS”

HEART OF SPAIN

de Herbert Klein, Geza Karpáthi, Paul Strand, Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1937 – 30 min

CHINA STRIKES BACK

de Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1937 – 37 min

duração total da projeção: 67 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Uma dupla de filmes demonstrativa da dimensão internacionalista do grupo de documentários do período do New Deal, em particular aqueles que integravam o coletivo Frontier Films. HEART OF SPAIN, com imagens captadas no coração da Guerra Civil Espanhola, por Herbert Kline e pelo fotógrafo húngaro Geza Karpáthi, foi montado de maneira similar: a responsabilidade do grupo, de novo coordenado por Hurwitz, era de dar uma forma final, combinando ainda com outras imagens, por exemplo, as colhidas por Joris Ivens no mesmo campo de batalha e que foram utilizadas em SPANISH EARTH.

“Foi o primeiro filme sonoro que fui capaz de moldar, enquanto matéria, como achava que era preciso. Foi uma experiência maravilhosa, muito intensa”, disse Leo Hurwitz em entrevista. CHINA STRIKES BACK é um exemplo do típico trabalho colaborativo desenvolvido por esse grupo de cineastas: Paul Strand, Sidney Meyeres, Irving Lerner e Ben Maddow participaram na montagem de imagens em bruto captadas pelo fotógrafo Harry Dunham na China maoísta. Com Hurwitz como principal coordenador, o filme ganhou a sua forma final, eminentemente dialética, sublinhando o valor histórico e icónico das suas imagens, por exemplo, de Mao Tsé-Tung na sua base em Yan’an.

► Terça-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “UM RIO QUE PASSA”

THE RIVER

de Pare Lorentz

Estados Unidos, 1937 – 31 min

WILD RIVER

de Elia Kazan

com Montgomery Clift, Lee Remick, Jo Van Fleet, Bruce Dern

Estados Unidos, 1960 – 110 min

duração total da projeção: 141 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Evocando Mark Twain e William Faulkner, THE RIVER é uma belíssima ode ao rio do Mississipi. Este é o segundo documentário realizado por Pare Lorentz para a US Resettlement Administration de Roosevelt (chamada entretanto Farm Security Administration), lançado um ano depois de THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS. Tal como o seu primeiro filme, esta é uma obra sobre a desertificação e extenuação de recursos da paisagem natural americana. Isto é, THE RIVER é, como se ouve a certa altura na narração, uma “tragedy of land”. “Este filme devia simplesmente contar a minha história de amor com o New Deal, a minha história de amor com as regiões mais remotas deste país, eu queria dizer como os amava e como os admirava”, conta Kazan numa entrevista a propósito de WILD RIVER. O realizador parte de um conflito clássico: a chegada do homem novo a uma sociedade que, antiga, lhe resiste. Muitos westerns se baseiam nisso. Mas esta epopeia moderna é a epopeia dolorosa do homem problemático. E o homem que surge aqui é um homem magoado: Montgomery Clift, chegado depois do seu acidente.

► Quarta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “ESTA TERRA É A NOSSA TERRA”

THE LAND

de Robert J. Flaherty

Estados Unidos, 1942 – 43 min

THE CITY

de Ralph Steiner, Willard Van Dyke

Estados Unidos, 1939 – 43 min

duração total da projeção: 86 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Desmentindo a sua fama de otimista ingénuo, Flaherty fez com THE LAND um filme duríssimo sobre os efeitos nefastos da quase monocultura do algodão em certas regiões americanas. Encomendado pelo Departamento de Agricultura, com montagem de Helen Van Dongen, montadora de Joris Ivens (e futuramente de LOUISIANA STORY, derradeira obra de Flaherty), o filme só foi mostrado alguns anos depois de realizado, para não fornecer armas de propaganda aos inimigos dos EUA, então em guerra. Segundo José Manuel Costa, na respetiva folha de sala da Cinemateca Portuguesa, “O que descobriremos, afinal, é um dos olhares mais desencantados entre todos os que não nos foram dados sobre a América da Depressão, um ponto de vista que se pauta pelo rigor e a contenção e que, por isso, superou em ‘justeza’ muitos outros documentos sobre a pungente desertificação das terras e a correlativa degradação das populações”. Segue-se THE CITY, realizado por Ralph Steiner e Willard Van Dyke, após terem fundado o American Documentary Films. Filme de preocupações ecológicas “eivado do otimismo do New Deal que cedo conquistou o seu primeiro lugar na História do cinema documental” (Antonio Rodrigues, na respetiva folha de sala).

► Quarta-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS”

POWER AND THE LAND

de Joris Ivens

com Hazel Parkinson, William Parkinson

Estados Unidos, 1940 – 38 min

VALLEY TOWN

de Willard Van Dyke

Estados Unidos, 1940 – 35 min

MEN AND DUST

de Lee Dick

Estados Unidos, 1940 – 16 min

duração total da projeção: 89 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Encomendado a Ivens pelo US Department for Agriculture, por indicação expressa e sob supervisão do seu diretor, Pare Lorentz, POWER AND THE LAND retrata os benefícios da eletrificação das zonas rurais americanas durante o New Deal. Ivens usa cada elemento da família Parkinson como atores ao serviço da sua causa: convencer os agricultores a aderirem às vantagens propiciadas pelas novas tecnologias. Escreveu no seu livro de memórias, *The Camera and I*: “No nosso filme sobre a vida agrícola em Ohio, (...) começámos por nos envolver profundamente no processo de rodagem, ao mesmo tempo que o agricultor estava preocupado com a sua colheita. Quando acabámos, meses depois, a situação quase se havia invertido: o agricultor estava muito mais interessado no nosso filme, mas nós estávamos preocupados com a sua colheita.” VALLEY TOWN também colabora com uma família de não-atores, desta feita operários sob condições de vida precárias, em grande medida, resultantes da automatização, para realizar um documentário semi-ficcional que aponta como solução para o problema invocado (e “dramatizado” com uma habilidade e *pathos* extraordinários, ajudados pelo trabalho de montagem de Irving Lerner) a requalificação/reconversão da força de trabalho. MEN AND DUST é um filme de alerta sobre uma crise de saúde pública que tem como vítimas os mineiros de zinco e de chumbo a trabalharem na região do Kansas, do Missouri e de Oklahoma. Foi realizado e produzido pela multifacetada Lee Dick (que havia trabalhado, por exemplo, com Steiner e Van Dyke na realização de THE CITY), na companhia do seu marido, Sheldon Dick, autor do argumento e da fotografia deste filme. Segundo a académica Tanya Goldman (*Men and Dust, Labor Advocacy, and Alternative Film Distribution, 1939-1942*), MEN AND DUST contribuiu para uma longa trajetória da História dos Media em que ativistas e cineastas colaboraram por forma a cultivarem redes de solidariedade e de ação política através de mecanismos de distribuição fora do *mainstream*.”

► Quarta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Quinta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CRISIS: A FILM OF ‘THE NAZI WAY’

de Herbert Kline, Hans Burger, Alexander Hackenschmied

Estados Unidos, 1939 – 70 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Com comentário de Vincent Sheehan e narração de Leif Erickson, a narrativa de CRISIS coloca-nos na boca do lobo, no ano de 1939, quando as tropas nazis decidem invadir e ocupar o território checoslovaco. Dentro do espírito da Workers Film and Photo League e da NYKino, imbuído do qual Herbert Kline coassinara o seu HEART OF SPAIN, CRISIS conta a história de um povo, os seus medos e esperanças, perante as mentiras e abusos do inimigo invasor. CRISIS foi o primeiro documentário mostrado nos Estados Unidos a dar conta da real dimensão do nazismo numa Europa em rápida dissolução: “[Kline] criou um filme altamente interessante, magnificamente fotografado e dramático. O seu enredo, claro, é absurdo: como pode qualquer ditador dizer a Inglaterra ou França para onde ir e assumir o controlo de um país livre?”, escreveu Frank S. Nugent para o *The New York Times*, em 13 de março de 1939, a poucos meses do início da Segunda Guerra Mundial.

► Quarta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “UMA CASA NÃO É UM LAR”

A PLACE TO LIVE

de Irving Lerner

Estados Unidos, 1941 – 17 min

...ONE THIRD OF A NATION...

de Dudley Murphy

com Sylvia Sidney, Leif Erickson,

Myron McCormick, Sidney Lumet

Estados Unidos, 1939 – 79 min

duração total da projeção: 96 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Antes de se tornar realizador de filmes de género hollywoodescos, como o brilhante *film noir* MURDER BY CONTRACT, Irving Lerner era um documentarista engajado servindo-se do cinema como arma de transformação social e política. Este documentário, que foi nomeado para o Oscar, denuncia as pobres condições de habitação de várias famílias a viverem no centro de Filadélfia, numa espécie de versão americana de clássicos da História do documentário, tais como HOUSING PROBLEMS, dos britânicos Edgar Anstey e Arthur Elton, ou BORINAGE, de Joris Ivens e Henri Storck, mas com uma pulsão dramática que já anuncia a passagem de Lerner para o cinema de ficção logicamente mais pesado. ...ONE THIRD OF A NATION... é um drama de Hollywood com a *major star* Sylvia Sidney (protagonista dos dramas realistas de Fritz Lang, FURY e YOU ONLY LIVE ONCE) – e com a participação no elenco do então bem jovem Sidney Lumet – que adapta, de maneira muito livre, uma peça de teatro do Federal Theatre, projeto federal destinado a dar emprego a atores enfrentando dificuldades por altura da Depressão. O tema são as condições habitacionais da classe trabalhadora e a resposta do milionário Peter Cortlant (Leif Erickson), para criar um novo tipo de habitação, segura, salubre e acessível.

► Quinta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “SAÚDE: UM MELODRAMA”

THE FIGHT FOR LIFE

de Pare Lorentz

com Myron McCormick, Storrs Haynes, Will Geer

Estados Unidos, 1940 – 69 min

THE FORGOTTEN VILLAGE

de Herbert Kline, Alexander Hammid

Estados Unidos, 1941 – 67 min

duração total da projeção: 136 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Produzido pela U.S. Film Service, THE FIGHT FOR LIFE é o primeiro filme assumidamente (semi-)ficcional de Pare Lorentz, depois do sucesso de crítica e de público que lhe granjearam THE PLOW THAT BROKE THE PLAINS e THE RIVER. O “realizador de Franklin D. Roosevelt” pretendia documentar a realidade de uma maternidade nos *slums* americanos, ficcionando, para tal, o esforço heroico de um médico no sentido do combate à mortalidade materna. Segundo o próprio, no livro com as suas memórias, este seu “filme médico”, que começa com uma morte e termina com um nascimento, misturava atores profissionais com não-atores, trabalhadores e pacientes numa clínica em Chicago, e foi rodado, na maioria das cenas (as mais intensas foram rodadas e montadas como se fossem sequências de *suspense*), *in loco*. Lorentz atribuiu parte do fracasso popular do filme a um texto de Eleanor Roosevelt, redigido para a sua célebre coluna, *My Day*, em que esta referia um filme, “The Struggle for Life” (sic), notando como ele podia assustar as jovens mulheres que quisessem ter filhos. THE FORGOTTEN VILLAGE é um extraordinário filme de observação antropológica sobre o papel da tradição – em particular, dos rituais fúnebres, as superstições e mezinhas – numa pequena localidade no México e o modo como a medicina ou os progressos da ciência são alvo da desconfiança popular, fruto do analfabetismo e da ausência geral do governo nos lugares mais remotos do país. Com argumento de John Steinbeck, o filme foi realizado por Alexander Hammid, futuro marido e colaborador de Maya Deren, e por Herbert Kline, realizador formado na Workers Film and Photo League e que fez chegar ao movimento documental americano poderosas imagens de guerras e transformações em curso fora dos Estados Unidos. O filme foi inicialmente censurado pelo Hays Office, tendo sido, mesmo assim, distribuído numa versão amputada. Mais tarde, motivou protestos que permitiram o levantamento do veto relativo à versão original.

► Quinta-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

NATIVE LAND

de Leo Hurwitz, Paul Strand
com Fred Johnson, Mary Goerge, John Rennick

Estados Unidos, 1942 – 88 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A obra-prima final do movimento documental saído do período do New Deal, última pedra na vida curta da auspiciosa Frontier Films. Embalados pela voz de Paul Roberson, percorremos a História da América, da fundação às lutas que se combatem, hoje, nas ruas, em defesa dos direitos e liberdades de todos os trabalhadores, independentemente de raças e credos específicos: nas palavras de Georges Sadoul, NATIVE LAND era um “requisitório contra os linchamentos, o Ku Klux Klan, as organizações fascistas americanas e as provocações anti-sindicais”. Trata-se de um compêndio das várias modalidades de esculpir o real testadas anteriormente, misturando imagens de arquivo com reconstituições ficcionadas. “Concluí-lo concluiria a Frontier Films”, disse Tom Hurwitz (*As Raízes de Native Land*). E, de facto, aquando do seu lançamento público, o contexto havia mudado radicalmente: a prioridade já não era a luta de classes, mas um inimigo externo bem identificado, os fascismos “lá fora” (descurando o crescimento do fascismo “cá dentro”). NATIVE LAND foi pouco visto, mas mais tarde veio a ser reconhecido como o epítome do documentário americano do período entre as duas guerras mundiais. De maneira sintomática, em 1949, Strand lançou a interrogação: “porquê fazer filmes se tudo está podre e não há esperança no mundo?”

► Quinta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

“PROGRAMA: CALMA NA TEMPESTADE”

WHITE FLOOD

de David Wolff, Robert Stebbins

Estados Unidos, 1940 – 15 min

THE ADVENTURES OF CHICO

de Horace Woodard, Stacy Woodard

Estados Unidos, 1938 – 60 min
duração total da projeção: 75 minutos
legendados eletronicamente em português | M/12

WHITE FLOOD é um *travelogue* no Alasca, produzido pela Frontier Films, sobre os mistérios da terra e, em particular, do gelo, com argumento de Lionel Berman, David Wolff, Robert Stebbins e, decisivamente, com música de Hanns Eisler, compositor alemão conhecido pela sua longa colaboração com Bertolt Brecht e por ter assinado a banda sonora de alguns filmes marcantes do documentário engajado deste período, tal como 400 MILLION, de Joris Ivens, e THE FORGOTTEN VILLAGE, de Herbert Kline e Alexander Hammid, mas também de alguns importantes dramas da Hollywood clássica, tais como HANGMEN ALSO DIE!, de Fritz Lang, e THE WOMAN ON THE BEACH, de Jean Renoir. Os irmãos Woodard já se haviam notabilizado no documentário com um filme sobre a vida das abelhas, galardoado com um Oscar, CITY OF WAX, e Stacy havia sido um dos diretores de fotografia do incontornável THE RIVER de Pare Lorentz. THE ADVENTURES OF CHICO é um drama realista rodado no México, protagonizado por um rapaz cujos únicos amigos são os animais do deserto, ganhando uma afeição especial por um pequeno pássaro, após este o defender do ataque iminente de uma cobra. Encantador conto realista, quase sem história, filmado *in loco* e sem atores profissionais, lançado cerca de dez anos antes de LOUISIANA STORY, de Robert J. Flaherty.

► Sexta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “RESSONÂNCIAS DURADOURAS:
DAS LIED DER STRÖME”

DAS LIED DER STRÖME

“O Canto dos Rios”

de Joris Ivens
RDA, 1954 – 104 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filme ensaístico, de arquivo, do “holandês voador”, Joris Ivens, com música de Dmitri Shostakovich e de Paul Roberson, cantor afro-americano que deu voz à narração de NATIVE LAND, sobre os grandes rios do mundo e ainda sobre a vida dos trabalhadores – e da evolução do movimento

sindical – em diferentes cantos do globo. Filmado para a DEFA Studios, na República Democrática Alemã, trata-se de uma obra, de forte valor poético (e até sinfónico) e, ao mesmo tempo, abertamente propagandista, marcada por claras oposições entre o modo de (dis)funcionamento do capitalismo (repressivo e racista) e a unidade comunista (solidária e justa). Um dos maiores filmes de arquivo de sempre, que o seu autor definiu como “a expressão romântica da ilusão lírica ao serviço do socialismo”, DAS LIED DER STRÖME foi proibido em mais de dez países.

► Sexta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA “RESSONÂNCIAS DURADOURAS:
STRANGE VICTORY”

STRANGE VICTORY

de Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1948 – 75 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Nada menos do que uma obra-prima, STRANGE VICTORY responde à pergunta: e agora? Como “regressar a casa”, após o desfecho da Segunda Guerra Mundial, e encarar, novamente, problemas como a discriminação racial e a ascensão do fascismo? Obra de forte mensagem social e política – muito válida nos dias de hoje – sobre como é que “as ideias do derrotado estão ainda bem vivas na terra do vencedor?” Filme que marca um *post-scriptum* do período prodigioso do documentário americano associado a coletivos como a Workers Film and Photo League, a NYKino e a Frontier Films. “O documentário essencial para o nosso momento. STRANGE VICTORY pode reacender energias, sem um momento a perder”, escreveu David Bordwell em 2016.

► Sábado [28] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “RESSONÂNCIAS DURADOURAS:
CONTINUIDADE E MUDANÇA”

TO HEAR YOUR BANJO PLAY

de Willard Van Dyke, Irving Lerner

Estados Unidos, 1946 – 16 min

EMERGENCY WARD

de Leo Hurwitz, Fons Iannelli

Estados Unidos, 1951 – 15 min

THE YOUNG FIGHTER

de Leo Hurwitz

Estados Unidos, 1953 – 30 min

CONFRONTATION

de Maurice Bailen

Estados Unidos, 1975 – 19 min
duração total da projeção: 80 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Pete Seeger, enquanto cicerone e *performer*, e Woody Guthrie, tocando a sua viola “que mata fascistas”, são retratados em TO HEAR YOUR BANJO PLAY, documentário filmado por Irving Lerner e Willard Van Dyke sobre as raízes e o modo como evoluiu a utilização do banjo na música folk no sul da América. Obra eletrificante, escrita por Alan Lomax, grande musicólogo do folk, e com fotografia de Richard Leacock, nome maior da História do documentário, elo de ligação entre “a escola” Flaherty e o cinema direto de Drew Associates. Entramos em pleno na modernidade cinematográfica, graças a um filme de 1951, EMERGENCY WARD, onde Leo Hurwitz e o fotógrafo da *Look* Fons Iannelli testam equipamento leve, com capacidade de captação direta e síncrona de som e imagem, nas urgências do hospital de St. Vincent, em Nova Iorque. Foi este filme – experiência, cru e direto, a abrir a porta do programa da CBS Omnibus a um já “proscrito” Hurwitz, usando Iannelli como testa de ferro, durante o período negro da “caça às bruxas” mccarthista, para realizar THE YOUNG FIGHTER. Documentário de natureza observacional sobre o trabalho e a vida familiar de um pugilista, que poderá lembrar DAY OF THE FIGHT, de Stanley Kubrick, e que se tornou, pela maneira imediata e franca como captura a interferência entre os “ringues”, privados e públicos, existentes na vida de um pugilista (uma espécie de “boxe do boxe”), numa referência para os pontos de lança do *direct cinema*, tais como Robert Drew, Richard Leacock, Albert Maysles e D. A. Pennebaker. Filmado a cores e em 16mm, virtuosamente montado mas também absolutamente silencioso, CONFRONTATION é um

“filme de rua”, que captura o ar dos tempos misturando imagens captadas em manifestações e cerimónias públicas com fotografias e mensagens de protesto, quando a América ainda combatia numa guerra sangrenta lá fora, no Vietname, e, em casa, enfrentava múltiplas injustiças, a somar-se aos abusos cometidos pela polícia contra, em particular, a comunidade afro-americana. O realizador, Maurice Bailen, viveu grande parte da sua vida em Chicago, tendo realizado aí, para o respetivo polo da Workers Film and Photo League, um dos retratos mais pungentes do período da Grande Depressão, obra semidocumental precisamente intitulada THE GREAT DEPRESSION, de 1934.

► Sábado [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA “RESSONÂNCIAS DURADOURAS:
OLHOS SELVAGENS E ALEGRES”

THE SAVAGE EYE

de Joseph Strick, Ben Maddow, Sidney Meyers
com Gary Merrill, Barbara Baxley, Herschel Bernardi

Estados Unidos, 1960 – 68 min

LOOK PARK

de Ralph Steiner

Estados Unidos, 1974 – 11 min
duração total da projeção: 79 minutos
legendados eletronicamente em português | M/12

Um exercício em torno da objetividade/subjetividade da câmara cinematográfica (o “olho selvagem”), o filme de Meyers, Maddow e Strick propõe uma reflexão sobre o relacionamento entre o que é “íntimo” e o que é “coletivo”. Descrição do dia-a-dia de uma personagem específica (uma mulher divorciada), THE SAVAGE EYE integra esse relato numa perspetiva mais vasta sobre um cenário urbano (Los Angeles nos anos 50), os seus lugares e os rostos que o povoam. Em 1974, no final da vida, Ralph Steiner regressou às origens da sua carreira, de filmes experimentais tais como H2O e MECHANICAL PRINCIPLES, para se cingir ao estudo das formas do mundo natural. Para a série de filmes experimentais, em 16mm, que designou por *The Joy of Seeing*, Ralph Steiner concebeu este LOOK PARK, estudo de luz e das formas informes da água (“animadas” pela música eletrónica de Jacob Druckman) que seduziu e influenciou um cineasta como Nathaniel Dorsky, que participou, então nos seus verdes anos, na montagem deste filme.

SESSÃO RISCOS

Inserido na programação deste ano da secção Riscos do Doclisboa – e em colaboração com o Festival Temps d’Images – a Cinemateca exhibe o mais recente filme de Luciana Fina, ANDROMEDA, que retoma o título e o tema da exposição que a realizadora e artista visual apresentou em 2021 nas Carpintarias de São Lázaro mas agora ao serviço de um objeto cinematográfico novo e pensado para a sala de cinema.

► Sábado [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANDROMEDA

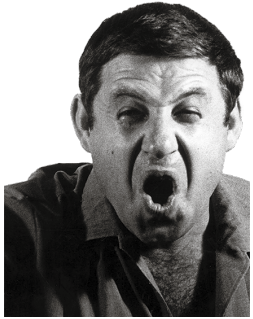
de Luciana Fina

Portugal, Itália, 2023 – 73 min
legendado em português e eletronicamente em inglês | M/12

“As imagens do passado olham para nós e pedem para comparecermos diante delas. Voltar a ver não diz respeito ao passado, é uma exploração de possíveis deslocções entre o passado e o presente. ANDROMEDA convoca a expressão artística e cinematográfica inscrita na televisão pública italiana nos anos 1960 e 1970. E a primeira idade do projeto público televisivo, utópica e iluminada, anos em que o cinema questiona também profundamente a sua relação com o real e em que surge a resposta experimental da videoarte. Esbatendo os limites entre o documento e a invenção, o espectador é colocado entre o tempo da primeira idade da televisão e o tempo da sua presença em sala, entre a memória e a imaginação, a utopia e a experimentação.” (Luciana Fina)

URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

EM COLABORAÇÃO COM A CINEMATECA DE JERUSALÉM



Ao falar-se de Uri Zohar (1935-2022) vê-se, muitas vezes, associado o nome de Jean-Luc Godard. Ainda que os dois realizadores não se tenham conhecido (pelo menos, que esteja documentado) o impacto da presença de Zohar no panorama de um novo cinema israelita (a que se veio denominar *Nouvelle Sensibilité*), a cronologia histórica em que operou, e as particularidades das suas decisões profissionais, parecem cruzar-se, em certa medida, com o percurso deste cineasta francês.

Jacques Mandelbaum, jornalista e crítico de cinema no *Le Monde*, definiu mesmo Zohar como o “Godard israelita”, vendo nele “a mesma geração, a mesma explosão iconoclasta dos anos 60, o mesmo gosto pela provocação e pela investigação, o mesmo recuo no final, embora muito mais cedo e indo muito mais longe.”

De facto, Zohar, nascido em Tel-Aviv, filho de imigrantes judeus vindos da Polónia, cimentou a sua marca no cinema israelita logo à primeira, com o ambicioso e experimental *HOR BA LEVANA* em 1964 (“Um Buraco na Lua” na tradução para português), instaurando uma liberdade estilística inédita neste cinema até então, que lhe proporcionou a seleção para a Semana da Crítica em Cannes. A sua filmografia veio, depois, a saltar entre géneros e formalidades, indo do drama intimista de *HLOSHA YAMIM VAYELED* (“Três Dias e uma Criança”) – que valeu ao protagonista, Oded Kotler, o prémio de melhor ator em Cannes – ao filme de guerra em *KOL MAMZER MELECH* (“Cada Sacana, Um Rei”), percorrendo a comédia desbragada de *HATARNEGOL* (“O Galo”), até ao documentário em *SHABLUL* (“Caracol”).

O equilíbrio entre uma visão autoral e um cinema de feição popular, que determinou as suas obras da década de 70, colidiu na denominada “Trilogia da Praia”, da qual fazem parte alguns dos seus títulos mais reconhecidos como *METZIZIM* (“Os Voyeurs”), *EYNAIM GDOLOT* (“Olhos Grandes”) e *HATZILU ET HAMATZIL* (“Ajudem o Salva-Vidas”), uma série de comédias (inspiradas nas produções “à italiana”) que, de acordo com o crítico Ariel Schweitzer, grande especialista do cinema de Israel e com quem partilhamos a programação conjunta deste Ciclo (foi ele, aliás, o responsável pelo primeiro grande ciclo retrospectivo dedicado ao realizador na Cinemateca Francesa em 2012), “servem como espelho de uma Israel boémia e pós-sionista”, prenunciando o inesperado abandono de Zohar do cinema em 1977, para se tornar um rabino Haredi (tornando-se, aliás, uma figura problemática no panorama israelita, sendo um dos responsáveis pela fundação de uma comunidade ilegal no território ocupado da Palestina). Apesar dessa súbita ausência, a influência de Zohar sobre as gerações seguintes de cineastas israelitas manteve-se até hoje (o realizador Avi Mograbi é, por exemplo, um dos seus admiradores confessos).

No deslocamento entre a audácia criativa e a posterior conversão à ortodoxia religiosa, permanece portanto uma obra cinematográfica a descobrir, influenciada pelas vanguardas da *Nouvelle Vague* na sua urgência, modernidade e amplitude. O Ciclo inclui a totalidade dos filmes realizados por Zohar e ainda alguns filmes em que interveio enquanto ator ou co-criador bem como um documentário sobre o seu inesperado percurso de conversão religiosa (todas as obras a apresentar são primeiras apresentações na Cinemateca e serão exibidas em cópias digitais, fruto da colaboração com a Cinemateca de Jerusalém). Complementarmente ao Ciclo, no dia 12 de outubro pelas 18h00, a Sala Luís de Pina irá acolher uma conferência sobre o cinema de Uri Zohar por Ariel Schweitzer, na qual serão exibidos também excertos menos conhecidos desta obra essencial da História do cinema de Israel.

- ▶ Segunda-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HLOSHA YAMIM VAYELED

“Três Dias e uma Criança”

de Uri Zohar

com Oded Kotler, Shai Oshorov, Yehoudit Solla

Israel, 1967 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 9 APRESENTADA POR ARIEL SCHWEITZER

Neste drama com ares de *Nouvelle Vague*, que proporcionou a Oded Kotler o prémio de melhor ator no Festival de Cannes de 1967 (o filme era também candidato à Palma de Ouro), um estudante aceita tomar conta do filho da ex-namorada durante três dias. No processo, acaba por projetar no rapaz os sentimentos de amor e ódio que ainda sente por aquela mulher. Baseado num conto do autor israelita Abraham B. Yehoshua.

- ▶ Segunda-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

TARGIL BESMALIM PSHUTIM

“Variações de Símbolos Simples”

de Uri Zohar

Israel, 1961 – 13 min

HOR BA LEVANA

“Um Buraco na Lua”

de Uri Zohar

com Uri Zohar, Avraham Heffner, Dan Ben Amotz

Israel, 1965 – 75 min

duração total da projeção: 88 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Em *HOR BA LEVANA*, dois vendedores de quiosques mudam-se para o deserto e, quando confrontados com o vazio do local, decidem construir uma cidade de papelão, como um cenário de um filme, a partir da qual as fronteiras entre ficção e realidade começam a dissolver-se. A primeira longa-metragem de Zohar é uma caótica e provocadora sátira à Israel dos anos 60, que não poupa nos comentários à propaganda sionista e à espetacularidade do cinema. É, hoje, entendido como a obra inaugural da *Nouvelle Sensibilité* no cinema israelita. Primeira curta-metragem de Uri Zohar, *TARGIL BESMALIM PSHUTIM* é uma adaptação sem diálogos do texto de Heinrich Von Kleist, *Sobre o Teatro de Marionetas*. É um filme experimental, poético e enigmático, com a participação do marionetista Claude Kipnis.

- ▶ Terça-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

KOL MAMZER MELECH

“Cada Sacana, Um Rei”

de Uri Zohar

com Yehoram Gaon, Oded Kotler, William Berger

Israel, 1968 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um repórter americano e a sua namorada deslocam-se a Israel, onde são envolvidos num conflito armado entre árabes e israelitas. Narrativa de guerra que decorre sob o contexto da Guerra dos Seis Dias de 1967, em linha com o cinema patriótico da década de 50, a que Zohar adiciona um questionamento irónico do “heroísmo” do país.

- ▶ Terça-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

HATARNEGOL

“O Galo”

de Uri Zohar

com Topol, Naomi Chance, Galia Gofer, Uri Zohar

Israel, 1971 – 100 min / legendado em português | M/12

Protagonizado por Topol, no mesmo ano em que chegara ao cinema a sua incontornável interpretação em *FIDDLER ON THE ROOF*, de Norman Jewison, *HATARNEGOL* é uma comédia sobre um Don Juan, feito sargento de exército que, através de *flashbacks*, conta as suas várias aventuras amorosas com mulheres, numa sátira a um certo machismo israelita.

- ▶ Quarta-feira [11] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [18] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro



HA'TZAD HASHENI

“O Outro Lado”

de Uri Zohar

Israel, 1968 – 15 min

EYNAIM GDOLOT

“Olhos Grandes”

de Uri Zohar

com Uri Zohar, Arik Einstein, Sima Eliyahu, Talia Shapira

Israel, 1974 – 80 min

duração total da projeção: 95 min

legendados eletronicamente em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR AVI MOGRABI NO DIA 18

Em *EYNAIM GDOLOT*, Benny Forman (interpretado pelo próprio Uri Zohar) gere uma equipa de basquetebol. Casado e com um filho tem, ainda, alguns casos extraconjugais, mas não consegue gerir todos estes papéis ao mesmo tempo. A segunda parte da “Trilogia da Praia” (e a penúltima obra de Zohar) é tida como o seu filme mais pessoal. Em *HA'TZAD HASHENI*, várias pessoas tentam atravessar uma passadeira, mas os semáforos nunca ficam verdes. Aproveitando os sets de um outro filme, Uri Zohar filmou esta curta experimental, uma homenagem paródica ao existencialismo francês.

- ▶ Quinta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HATZILU ET HAMATZIL

“Ajudem o Salva-Vidas”

de Uri Zohar, Itzik Kol

com Uri Zohar, Gabi Amrani, Gila Almagor, Yosef Bashi

Israel, 1977 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

HATZILU ET HAMATZIL, realizado em parceria com Itzik Kol, é a terceira parte da “Trilogia da Praia” (e último filme da carreira de Zohar) em que o ator/realizador repete a personagem que interpretou, cinco anos antes, em *METZIZIM*. Na altura das filmagens, Zohar estava já imerso nos estudos religiosos, que viriam a confirmar o seu abandono do cinema.

- ▶ Quinta-feira [12] 18h00 | Sala Luís de Pina

URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA – CONFERÊNCIA POR ARIEL SCHWEITZER

Co-programador convidado desta retrospectiva, Ariel Schweitzer – crítico nos *Cahiers du Cinéma*, professor na Universidade de Tel Aviv, autor do livro *Le cinéma israélien de la modernité* e organizador do primeiro grande ciclo dedicado a Uri Zohar fora de Israel (mais concretamente em 2012 na Cinemateca Francesa) – propõe uma introdução à obra do realizador, acompanhada pelo visionamento de excertos dos seus filmes e concluída com a apresentação de um filme-surpresa. Entrada livre mediante levantamento de bilhete 60 minutos antes do início da sessão. Em inglês, sem tradução simultânea.

► Quinta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

METZIZIM

“Os Voyeurs”

de Uri Zohar

com Arik Einstein, Uri Zohar, Sima Eliyahu, Zvi Shissel

Israel, 1972 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Já com o estatuto de filme de culto (e, provavelmente, uma das maiores obras da filmografia de Zohar), METZIZIM é o retrato de dois *beach boys* de Tel-Aviv que, entre amores fugazes e compromissos familiares, se recusam a crescer. Primeira parte da sua “Trilogia da Praia”, esta comédia é um retrato simultaneamente divertido e desencantado de uma geração.

► Sábado [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LOOL

“Galinheiro”

de Uri Zohar e Boaz Davidson

com Uri Zohar, Arik Einstein, Zvi Shissel, Dori Ben-Ze’Ev

Israel, 1988 – 94 min / legendado em português | M/12

Versão cinematográfica da série de sucesso produzida

para a televisão israelita entre 1969 e 1972, com uma mistura de *sketches* delirantes e canções clássicas israelitas. Este filme de culto é, também, um retrato de uma sociedade israelita feliz e (demasiado) despreocupada antes da Guerra de Yom Kippur.

► Quinta-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina

SHABLUL

“Caracol”

de Boaz Davidson, Uri Zohar

com Arik Einstein, Shalom Hanoach, Yehudit Sola, Uri Zohar

Israel, 1969 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Documentário musical sobre a preparação do álbum *Shablul* de uma banda de rock israelita fundada por Arik Einstein e Shalom Hanoach, dois nomes que se viriam a tornar colaboradores frequentes na última fase da filmografia do realizador. Influenciado pelo incontornável LET IT BE, de Michael Lindsay-Hogg, lançado no mesmo ano, o filme é um retrato da cena musical de Israel durante os anos 60, filmado numa abordagem *cinéma-vérité*. É, também, a estreia da documentarista Nurith Aviv no cinema, aqui enquanto diretora de fotografia.

► Sexta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

HATUNA BEYERRUSHLAIM

“Casamento em Jerusalém”

de Uri Zohar

Israel, 1985 – 10 min

URI ZOHAR KHOZER

“Uri Zohar – o Regresso”

de Dani Rosenberg, Yaniv Segalovich

com Uri Zohar

Israel, 2018 – 70 min

duração total da sessão: 80 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Após o abandono do cinema para se tornar um rabi ultraortodoxo, Uri Zohar volta a realizar um filme. URI ZOHAR KHOZER explora esse processo, onde, com a ajuda de um grupo de alunos de cinema, dirige a história de um bailarino dividido entre a arte e a religião – tal como o próprio. Uma sentida homenagem a um dos grandes nomes do cinema israelita. A abrir a sessão, HATUNA BEYERRUSHLAIM é uma curta-metragem filmada por ocasião do casamento do filho de Uri Zohar com a filha do seu colaborador artístico, Arik Einstein. Um tributo melancólico a um amigo que deixou o mundo do cinema, realizado pelo seu antigo assistente.

SANGUE E NERVO: O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

Numa conversa com o compositor Bernard Herrmann aquando da pós-produção de THE EXORCIST, um descarado William Friedkin ter-se-á virado para o compositor e dito: “Quero que me escrevas uma banda sonora melhor do que a que fizeste para o CITIZEN KANE.” Herrmann, pela mesma moeda, terá respondido: “Então, porque é que não fazes um filme melhor que o CITIZEN KANE?”

Reconhecido pelo público como um mestre do terror e do *thriller* policial e, no meio cinematográfico, pela sua personalidade tão ousada quanto tempestiva, William Friedkin implantara-se na História do cinema norte-americano como um dos nomes mais celebrados da Nova Hollywood e, provavelmente, a figura desta “escola” que mais facilmente podemos categorizar de *enfant terrible*: é inevitável falar-se de THE EXORCIST, do seu sangrento impacto no cinema de terror, e das reações físicas que muitos tiveram à data de estreia.

Mas Friedkin é, obviamente, muito mais que isso: iniciando a sua carreira no documentário de televisão com THE PEOPLE VS. PAUL CRAMP, sobre um afro-americano condenado injustamente à cadeira elétrica por roubo, as primeiras ficções começaram inicialmente com a adaptação de peças teatrais como THE BIRTHDAY PARTY e THE BOYS IN THE BAND, para finalmente colidirem num argumento original que proporcionou a Friedkin o seu primeiro grande sucesso crítico e comercial, THE FRENCH CONNECTION, vencedor de 5 Oscars da Academia de Hollywood, e onde o frenético trabalho de câmara na mão (nomeadamente na icónica cena de perseguição, que veio a autorreferenciar em TO LIVE AND DIE IN L.A.) cimentou a sua linguagem no *thriller* de ação. Fora também aqui que Friedkin revelou alguns dos elementos fundamentais da sua iconografia: o *suspense*, a obsessão, a moralidade (e a falta dela), elementos que colidiriam de modo mais radical em THE EXORCIST, ou SORCERER, aclamado pela crítica e caracterizado pelo perfeccionista Friedkin como o único filme do qual não alteraria nenhum plano; ainda assim, num frente a frente nas bilheteiras com STAR WARS, de George Lucas, SORCERER acabou por ficar pelo caminho e Friedkin, apesar de continuar a realizar regularmente até 2018, não voltaria a atingir o sucesso comercial dessas primeiras produções. Resguardou, ainda assim, o gosto pelo choque, a pulsão amorosa, a ambição, regressado em plena forma nos mais recentes KILLER JOE ou BUG. Estas últimas produções não serão esquecidas na retrospectiva que a Cinemateca agora apresenta em homenagem póstuma ao realizador, mas que estava a ser preparada há algum tempo e que contaria com a sua presença. Serão 11 filmes de William Friedkin, para ver ou rever, enquanto não estreia por cá o seu derradeiro filme, THE CAINE MUTINY COURT-MARTIAL, apresentado no recente festival de Veneza apenas um mês após a sua morte.

► Segunda-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE FRENCH CONNECTION

Os Incorruptíveis Contra a Droga

de William Friedkin

com Gene Hackman, Fernando Rey, Roy Scheider

Estados Unidos, 1971 – 104 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Todo o nervo de Friedkin num dos mais célebres filmes da década de setenta (premiado com cinco Oscars). Um filme policial urbano e violento, sobre o tráfico de heroína em Nova Iorque. As cenas de perseguição automóvel ficaram famosas e Gene Hackman compôs aqui uma das mais memoráveis personagens da sua carreira: o detetive Popeye Doyle. Os anos setenta também eram assim. A exhibir em cópia digital.

► Segunda-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Segunda-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SORCERER

O Comboio do Medo

de William Friedkin

com Roy Scheider, Bruno Cremer, Francisco Rabal,

Amidou, Ramon Bieri

Estados Unidos, 1977 – 121 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Este Friedkin, anos setenta, é a adaptação americana do romance francês *Le Salaire de la Peur* (Georges Arnaud, 1950), invariavelmente associada à sua primeira adaptação ao cinema, em 1953, por Henri-Georges Clouzot, por mais que Friedkin sempre tenha recusado SORCERER como um *remake* do icónico LE SALAIRE DE LA PEUR. É também, entre os que realizou, um favorito de Friedkin, e

um *thriller* cuja “aura de culto” emergiu nos últimos anos e foi ampliada pelo recente restauro digital do filme. No seu fulcro narrativo está o encontro de quatro personagens aossadas algures na América Latina, encarregues do transporte de nitroglicerina em plena selva, ao volante de velhos camiões face a uma eventual catástrofe petrolífera que tentam impedir. “O ‘feiticeiro’ é um lagarto maléfico e neste caso o lagarto maléfico é o destino” (Friedkin). A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CRUISING

A Caça

de William Friedkin

com Al Pacino, Paul Sorvino, Karen Allen,

Richard Cox, Don Scardino

Estados Unidos, 1980 – 102 min

legendado eletronicamente em português | M/16

“Al Pacino is cruising for a killer”, apregoava o cartaz do Friedkin de um quente verão nova-iorquino que na sua filmografia “abriu” com alguma polémica os anos oitenta, vagamente baseado no romance homónimo do jornalista do *The New York Times* Gerald Walker sobre o caso de um *serial killer* que perseguia homossexuais preferencialmente vestidos de cabedal. O título joga com o duplo sentido de “cruising” que no original tanto pode descrever o trabalho de patrulha policial como o engate sexual. Recebido com protestos por comunidades ativistas homossexuais (logo durante as filmagens), atacado por uma implícita mensagem homofóbica, pouco estimado pela crítica e pelo público quando saiu, CRUISING foi conquistando um lugar de título a redescobrir. Recentemente, INTERIOR. LEATHER BAR (James Franco, Travis Mathews, 2013) tentou recriar 40 minutos de “imagens perdidas” de CRUISING, alegadamente deixadas de parte na montagem por conteúdo sexual “demasiado explícito”. Uma incursão na subcultura nova-iorquina, com Al Pacino no papel de um detetive que nela mergulha à paisana para defrontar, entre outros, os seus próprios demónios. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE EXORCIST

O Exorcista

de William Friedkin

com Linda Blair, Ellen Burstyn, Max von Sydow, Lee J. Cobb

Estados Unidos, 1973 – 132 min / legendado em português | M/16

Grande êxito comercial dos anos setenta, um filme em que tudo foi calculado para escandalizar e meter medo. Uma

adolescente torna-se agressiva, passa a dizer obscenidades e adquire uma força física descomunal. A sua mãe pensa que ela sofre de perturbações mentais. Mais tarde, em desespero de causa, pedirá ajuda a um padre exorcista. Excelentes trucagens e Oscar de melhor argumento. Lee J. Cobb faz o papel do polícia que investiga uma morte suspeita, atribuída à jovem. Cerca de trinta anos depois da estreia de *THE EXORCIST*, Friedkin montaria a versão a apresentar, um *director's cut* com mais onze minutos.

- ▶ Terça-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

CONVERSATION WITH FRITZ LANG

de William Friedkin

com William Friedkin, Fritz Lang

Estados Unidos, 1975 – 50 min / legendado em português | M/12

Lendária entrevista de William Friedkin em pico de forma (realizara de rajada *THE FRENCH CONNECTION* e *THE EXORCIST*, e encaminhava-se para *SORCERER*) a um Fritz Lang aposentado, no penúltimo ano da sua vida (e na última das suas aparições em imagem filmada). Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [06] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RAMPAGE

O Dedo da Justiça

de William Friedkin

com Michael Biehn, Alex McArthur, Nicholas Campbell, Deborah Van Valkenburgh

Estados Unidos, 1987 – 95 min / legendado em português | M/16

Um advogado decide pedir a pena de morte para um homem que assassinou a família no Natal e depois bebeu o seu sangue. Porém, o homicida foge e começa a matar outra vez. Sem moralismos, Friedkin desenha aqui um interessante retrato de um *serial killer* americano. A música é de Ennio Morricone.

- ▶ Segunda-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quarta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KILLER JOE

de William Friedkin

com Matthew McConaughey, Emile Hirsch, Juno Temple, Thomas Haden Church, Gena Gershon

Estados Unidos, 2011 – 102 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Última longa-metragem até à data de William Friedkin, *KILLER JOE* foi um terrível *flop* a nível de bilheteira. Talvez a razão desse fracasso resida no facto de este ser um dos filmes mais crus, mais amorais dos últimos anos. Violento? É, sim senhor, também por essa razão um filme a que dificilmente o espectador fica indiferente: vendo-se devedor de uma dívida considerável, Chris um *dealer* do Texas, conclui que a única solução é assassinar a mãe para receber o dinheiro do seguro. Associando-se ao pai, ex-marido da mãe de Chris, decidem contratar Joe Cooper, um assassino a soldo, que acontece ser também polícia. Só que não se cometem assassínios a crédito e o dinheiro do seguro só pode ser recebido depois da morte da segurada.

- ▶ Quarta-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TO LIVE AND DIE IN L.A.

Viver e Morrer em Los Angeles

de William Friedkin

com William L. Petersen, Willem Dafoe, John Pankow, Debra Feuer, John Turturro

Estados Unidos, 1985 – 116 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Foi por este filme que Michael Mann processou (sem sucesso) Friedkin por plágio da célebre série televisiva *Miami Vice* dos anos oitenta que então corriam (e ele, Mann, viria a bem adaptar ao cinema em 2006). O argumento de *TO LIVE AND DIE L.A.* parte do romance de um ex-agente secreto, Gerald Petievich, seguindo as reviravoltas da história de dois agentes secretos dispostos a ir longe na perseguição de um criminoso no que acaba por tornar-se uma questão de obsessiva vingança pessoal para além das normas da lei. Terá sido a “natureza surrealista” do



THE FRENCH CONNECTION

projeto que interessou Friedkin no filme, que “lançou” no estrelato alguns dos seus protagonistas, casos de Willem Dafoe, William L. Petersen ou John Turturro. Reminiscente da celeberrima cena de perseguição de *THE FRENCH CONNECTION* (1971), há também uma antológica sequência de perseguição automóvel em *TO LIVE AND DIE IN L.A.*, indissociável de um olhar sobre o ambiente da cidade da época, na perspectiva brutal de Friedkin. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BUG

de William Friedkin

com Ashley Judd, Michael Shannon, Harry Connick Jr.

Estados Unidos, 2006 – 102 min / legendado em português | M/16

A última incursão no terror de Friedkin (se descontarmos o documentário *THE DEVIL AND FATHER AMORTH*), *BUG* é uma *folie à deux*, espoletada pela descoberta de uma infestação de insetos num quarto de motel. Um pesadelo frenético à *la Friedkin* que tem vindo a cimentar o seu estatuto de culto na filmografia do realizador. O argumento é de Tracy Letts, com quem veio a colaborar na sua penúltima ficção, *KILLER JOE*. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE HUNTED

O Batedor

de William Friedkin

com Tommy Lee Jones, Benicio Del Toro, Connie Nielsen, Leslie Stefanson

Estados Unidos, 2003 – 94 min / legendado em português | M/16

O antepenúltimo Friedkin pode ser descrito, sem surpresa, como um *thriller* de ação. A história é a de um antigo

soldado perseguido pelas atrocidades a que assistiu e foi obrigado a cometer durante a intervenção militar no Kosovo, e que conhece um “batedor” de caçadores, ao qual se junta, mas utilizando métodos cada vez mais violentos. O enredo progride com uma sucessão de acontecimentos que envolvem assassinatos e uma investigação do FBI confundindo as noções – e posições – de caçador e presa.

- ▶ Segunda-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BOYS IN THE BAND

Os Rapazes do Grupo

de William Friedkin

com Kenneth Nelson, Peter White, Leonard Frey

Estados Unidos, 1970 – 118 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Produzido a partir do que fora uma controversa peça da Broadway, que o precedeu por dois anos, *THE BOYS IN THE BAND* é hoje um marco fundamental na História do cinema *queer*, comendo uma das primeiras grandes produções norte-americanas a debruçar-se sobre personagens homossexuais, numa incursão pela cultura *gay* nova-iorquina (Friedkin voltaria, de certo modo, ao tema em *CRUISING*, já com o nervo amoral com que começara a cimentar o seu nome no cinema). Aqui, tudo se passa num apartamento em Manhattan na festa de aniversário de Harold (Leonard Frey) com o seu grupo de amigos, onde a bebida, os jogos cruéis, e a presença do jovem “Cowboy” (Robert La Tourneaux) aumentarão as tensões entre os presentes. Friedkin (convidado a ficar ao encargo do filme devido à bem sucedida adaptação de *THE BIRTHDAY PARTY* de Harold Pinter) privilegiou o elenco da peça original, no que é para alguns a sua primeira grande obra. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES: OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

EM COLABORAÇÃO COM A FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Entre Roland Barthes (1915–1980), filósofo, ensaísta e pedagogo, e Hervé Guibert (1955–1991), crítico, fotógrafo e escritor de autoficções, o ponto de confluência mais incontornável terá sido, além de uma homossexualidade ferida e da morte prematura e trágica de ambos, a fotografia, arte da imagem que, em ambos, espoleta uma linguagem cravejada de desejos e de afetos. Em torno de imagens fotográficas, normalmente despidas de um artificioso “bom gosto”, o discurso de Barthes torna-se mais íntimo na obra que nos

deixou à guisa de uma muito inquietadora herança crítica: *A Câmara Clara*. “Se ele gosta de uma fotografia, (...) é por razões íntimas, desviadas, românticas, perversas, é pelos seus defeitos (...). De facto, para cada fotografia, o que o choca é o que está errado, a anomalia, o pormenor enigmático, ou o que diz respeito à sua própria biografia ou ao seu corpo”, observou Guibert (*Roland Barthes et la photographie : la sincérité du sujet*, *Le Monde*, 28 de fevereiro de 1980) a propósito dessa obra final de Barthes. A correspondência intelectual torna-se significativa com a sequela espiritual que Guibert escreveu, já na ausência física do outrora amigo epistolar, sobre imagens que o assombram e que, por isso, só existem como coisas mentais: *A Imagem Fantasma* (editado recentemente em Portugal pela BCF Editores) é um poderosíssimo livro de fotografias sem fotografias mas repleto de imagens de escrita e descritas, que faz de uma “escrita da escrita” (exercício de se pensar, com a caneta, uma certa “escrita de luz”) um modo de revelação de aspetos do “eu”.

O cinema, arte que habitualmente move paixões, seria assunto controverso entre Barthes e Guibert: o primeiro confessava-se pouco interessado no fenómeno, sem ser, talvez, de um ponto de vista estritamente cultural ou antropológico, ao passo que o segundo sempre sonhou com a possibilidade de animar a sua prática como fotógrafo, realizando ficções com argumento, *décors* e atores de primeira água (em particular, com a amiga Isabelle Adjani). Mesmo assim ou por causa disso, Barthes foi “sugado” pela sua aversão, a ponto de participar como ator no filme do seu amigo – ex-crítico dos *Cahiers du Cinéma* – André Téchiné, *LES SOEURS BRONTË*, interpretando o romancista inglês William Makepeace Thackeray, autor de *Barry Lyndon*, num filme com um elenco luxuoso, em que sobressaiu Isabelle Adjani na pele de Emily Brontë. Por seu lado, “o sonho” de Guibert foi traído pelo tempo da doença que o vitimou, a sida. Todavia, pouco antes de morrer finalizou um retrato filmado, corajoso testemunho da solidão humana face à degradação física e à iminência da morte. Previamente a *LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR*, Guibert já se havia insinuado no mundo do cinema quando coescreveu com o realizador Patrice Chéreau o argumento de *L'HOMME BLESSÉ*, história da iniciação sexual de um rapaz apaixonado por um brutamontes que faz da violência e do crime um modo de vida. Já o texto mais popular de Roland Barthes, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, compêndio sobre as diferentes maneiras que encontramos para codificar – e ocultar – o mais alto e inexprimível sentimento, o amor, foi convertido recentemente num filme airoso de Claire Denis e com Juliette Binoche: *UN BEAU SOLEIL INTÉRIEUR*.

O presente programa resulta de uma parceria celebrada entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (ICNOVA e IELT) e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEComp). As mesmas entidades organizam, entre os dias 2 e 3 de outubro, no Auditório B1 da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a conferência *Hervé Guibert e Roland Barthes: escrita, fotografia, cinema e cultura queer*, que terá como convidado internacional o escritor Brian Dillon, autor de *Ensaísmo* e, mais recentemente, de *Affinities*, que irá marcar presença na sessão inaugural deste Ciclo para apresentar *LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR*.

- ▶ Segunda-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR

de Hervé Guibert

França, 1992 – 57 min / legendado eletronicamente em português | M/16

SESSÃO APRESENTADA POR BRIAN DILLON

Hervé Guibert fez-se conhecer como crítico de fotografia do *Le Monde*, antes de escrever o argumento de *L'HOMME BLESSÉ*, de Patrice Chéreau, e ser consagrado como escritor (publicou o seu primeiro romance em 1982). Em 1990, o seu romance autobiográfico *Ao Amigo que Não me Salvou a Vida* revelou a sua seropositividade e a partir daí Guibert viveu publicamente a sua doença, até aos últimos e terríveis estágios. *LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR*, diário filmado com vídeo, é um autorretrato final do escritor, um dos primeiros filmes a exporem de maneira franca os suplícios do corpo face ao avanço inclemente dessa doença. Estreou-se diretamente na televisão pouco tempo após o desaparecimento físico do seu autor, relançando o debate público sobre a sida. “[É] um daqueles filmes que nos perseguem durante muitos anos”, escreveu Joana Ascensão na respetiva folha de sala, redigida por altura da primeira passagem do filme na Cinemateca Portuguesa, em 2018. A exibir em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'HOMME BLESSÉ

de Patrice Chéreau

com Jean-Hugues Anglade, Vittorio Mezzogiorno, Roland Bertin, Claude Berri, Armin Mueller-Stahl

França, 1983 – 109 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Patrice Chéreau, conhecido pelas suas encenações teatrais e operáticas, juntou-se ao escritor e fotógrafo Hervé Guibert para escrever o argumento, premiado com um César, de um filme puxado pela pulsão descontrolada de um jovem, proveniente de uma família trabalhadora da classe média, por um homem embrutecido que faz do crime violento um modo de vida. A relação entre estes dois homens, privilegiando-se a perspetiva atordada do jovem, é filmada como se fosse uma adicção, tal é a força do desejo de posse sobre o outro, ou um pesadelo febril vivido no tempo suspenso do verão, numa cidade deixada ao abandono e empestada pelo tédio e pelo *spleen*. “Chéreau supera-se no retrato que faz da atracção irracional movida pelo desejo”, notou Dave Kehr (*Chicago Reader*) aquando da estreia do filme. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES SOEURS BRONTË

de André Téchiné

com Isabelle Adjani, Isabelle Huppert, Marie-France Pisier, Pascal Grégory, Roland Barthes
França, 1979 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizando este filme sobre Charlotte, Emily e Anne Brontë, as ilustres irmãs e escritoras britânicas, André Téchiné e o seu coargumentista Pascal Bonitzer quiseram evitar as convenções habituais do filme de época e sobretudo da biografia filmada. Organizaram a estrutura narrativa a partir das lembranças de Charlotte e sobretudo quiseram fazer de Branwell, o irmão das escritoras, o centro do filme. A escolha dos atores revela cuidado e ambição, destacando-se Isabelle Adjani e Isabelle Huppert. De acordo com Luís Miguel Oliveira na respetiva folha de sala, elas são “duas das maiores atrizes francesas dos últimos trinta anos, (...) em registos duma absoluta interioridade”. Relativamente ao elenco, saliente-se ainda a presença de Roland Barthes interpretando o escritor Thackeray: “A vida é demasiado curta para a arte”, parece dizer o filósofo bem para lá do seu papel.

- ▶ Sexta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UN BEAU SOLEIL INTÉRIEUR

O Meu Belo Sol Interior

de Claire Denis

com Juliette Binoche, Xavier Beauvois, Philippe Katerine, Gérard Depardieu

França, Bélgica, 2017 – 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma análise do discurso amoroso transformada num drama quase mundano sobre uma mulher divorciada com dúvidas sobre se o amor ainda será possível quando se atinge a casa dos 50 anos. Cada (potencial) amante serve de interlocutor para essa reflexão posta em prática. O filme foi buscar inspiração direta a *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, porventura a obra mais popular do pensador e escritor Roland Barthes, que refletia sobre a natureza dispersa, fragmentária e, por vezes, profundamente solitária do discurso amoroso. Filme sereno, muito *open* e, por causa disso, algo *démodé*, protagonizado por uma das atrizes mais emblemáticas do cinema francês, Juliette Binoche. Ela é, como escreveu Inês N. Lourenço (*Diário de Notícias*), “a luz íntima deste filme de Claire Denis. Um filme que não se prende a nenhuma estrutura ou configuração rígida, explorando esquinas narrativas assim como a protagonista explora as nuances do amor, à procura de uma cor primária, pura”. Primeira apresentação na Cinemateca.

IN MEMORIAM JANE BIRKIN

Modelo, atriz e cantora (e também realizadora ocasional), Jane Birkin (1946-2023) deixou a marca suave da sua elegância e sensibilidade na obra de gente tão diversa como Jacques Rivette, Jacques Doillon e Agnès Varda, numa carreira longa que passou por vários países e vários registos de produção sem que ela cedesse na singularidade da sua presença tranquilamente livre. Escolhemos recordá-la no “retrato” que Agnès Varda dela fez em 1987 intitulado *JANE B. PAR AGNÈS V.*

- ▶ Terça-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

JANE B. PAR AGNÈS V.

de Agnès Varda

com Jane Birkin, Serge Gainsbourg, Charlotte Gainsbourg, Philippe Léotard, Jean-Pierre Léaud

França, 1987 – 97 min / legendado em português | M/12

Este retrato de Jane Birkin por Agnès Varda nada tem de tradicional ou de “realista”. Pelo contrário, a realizadora declarou não ter feito um “documentaire” (filme) mas sim um “documenteur” (“documentarista”), ou seja, um retrato de Jane Birkin que oscila constantemente entre o real e o imaginário e no qual a personalidade da retratada se deixa entrever, mas nunca alcançar. O filme também é um retrato indireto da própria realizadora e, como todos os seus documentários, uma reflexão sobre o cinema.

IN MEMORIAM JACQUES ROZIER

Atentamente seguido pela Cinemateca ao longo dos anos, Jacques Rozier (1926-2023) esteve para vir a Lisboa em 2018, para acompanhar a retrospectiva integral do seu trabalho então coorganizada com o Indielisboa. No último momento, questões de saúde impediram a viagem do cineasta, mas não a dos filmes, que incluíram inéditos. A projeção de *DU CÔTÉ D'OROUËT*, a sua segunda ficção de longa-metragem nos anos 1960 da *Nouvelle Vague*, lembra-o agora.

- ▶ Quarta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DU CÔTÉ D'OROUËT

de Jacques Rozier

com Danièle Croisy, Françoise Guégan, Caroline Cartier, Bernard Menez, Patrick Verde

França, 1969 – 150 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Posterior em seis anos a *ADIEU PHILIPPINE*, a segunda longa-metragem para cinema de Jacques Rozier foi o seu primeiro filme com som direto e mantém-se um título admiravelmente secreto. Numa descrição brevíssima que lhe passa ao lado, é o filme em que três raparigas estão em férias de verão à beira-mar. Rodado em 16 mm, especialmente atento aos exteriores do cenário marítimo e às cores fortes que casam com o mar, a casa, a juventude das raparigas e dos rapazes, *DU CÔTÉ D'OROUËT* propõe uma crónica sentimental ao correr dos dias. Foi mostrado em Cannes em 1971 e circulou discretamente por essa altura, mas só estreou verdadeiramente em Paris, em 1996, em 35mm, quase trinta anos depois ter sido concluído. “Com o tempo [*DU CÔTÉ D'OROUËT*] ganha uma dimensão ‘à procura do tempo perdido’”, disse Jacques Rozier. E ganha.

SÁBADOS CLÁSSICOS

No programa de outubro desta nova rubrica regular dos sábados à tarde preenchida com títulos essenciais dos grandes nomes da História do cinema (este mês reduzida a apenas duas sessões devido à intensidade do programa com o DocLisboa dedicado ao documentário americano do período do New Deal) apresentamos LOS OLVIDADOS, de Luis Buñuel, e UNE FEMME DOUCE, de Robert Bresson.

► Sábado [07] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LOS OLVIDADOS

de Luis Buñuel

com Alfonso Mejía, Roberto Cobo, Miguel Incán, Stela Inda
México, 1950 - 80 min / legendado em português | M/12

LOS OLVIDADOS é uma das obras-primas absolutas de Luis Buñuel e foi o filme que fez “renascer” a sua carreira, depois de um longo período de obscuridade. Ambientado na Cidade do México, segue crianças e adolescentes pobres, num mundo terrivelmente cruel em que nem os bons nem os maus conseguem salvar-se (foi considerado “insuportavelmente pessimista” por muitos comunistas à época e proibido no Portugal de Salazar), LOS OLVIDADOS alterna o realismo mais duro com breves momentos de evasão onírica. Um filme intensíssimo. A exibir em cópia digital.

► Sábado [14] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

UNE FEMME DOUCE

Uma Mulher Meiga

de Robert Bresson

com Dominique Sanda, Guy Francis, Jane Lorre

França, 1969 - 88 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Primeira das duas adaptações que Bresson fez de Dostoiévski e o seu primeiro filme a cores. UNE FEMME DOUCE é a história de um casal e dos mal entendidos que levam a uma tragédia. A rotina, o cansaço, a fatal banalidade do dia-a-dia, levam a mulher a tentar matar o marido, para depois se tornar uma apagada e submissa “mulher objeto”, acabando por se suicidar. Primeiro filme de Dominique Sanda, um dos raros “modelos” de Bresson a transformar-se numa vedeta de cinema. “O filme é quase uma exposição da estética de Bresson, um pouco o equivalente filmico do seu livro *Notes sur le Cinématographe*. Se juntarmos esse carácter à necrofilia da obra teremos algumas razões para medir a sua ambiguidade” (João Bénard da Costa). A exibir em cópia digital.

COM A LINHA DE SOMBRA

As duas sessões em colaboração com a Linha de Sombra em outubro tomam como pretexto o lançamento de dois livros relacionados tematicamente.

O primeiro livro é *Photography in Portuguese Colonial Africa 1860-1975* (organizado por Filipa Vicente e Afonso Ramos). O segundo livro, *Vento Leste - Luso-Orientalismo(s) nos Filmes da Ditadura*, é da autoria de Maria do Carmo Piçarra e aborda a filmografia portuguesa sobre a “Ásia portuguesa” realizada durante o Estado Novo.

SESSÃO APRESENTADA POR FILIPA VICENTE E AFONSO RAMOS E COM AS PRESENÇAS DE BILLY WOODBERRY, INÊS PONTE E CARLA OSÓRIO

Os filmes apresentados nesta sessão tomam como ponto de partida os arquivos e álbuns fotográficos desenvolvidos em contexto colonial por diferentes instituições (exército, ordens religiosas), procurando construir novas narrativas que desafiem as visões e os discursos que estão na origem da sua criação. Em 1907, o militar e fotógrafo Velloso de Castro, registou a ocupação do território Cuamata, no sul de Angola, pelo exército português. Este arquivo fotográfico raramente visto é o ponto de partida para A STORY FROM AFRICA. Billy Woodberry dá vida a estas fotografias contando a história trágica de Calipalula, um soba que teve um papel decisivo nesta campanha de “pacificação” portuguesa. Em 50 ANOS NO SUL DE ANGOLA, Inês Ponte traça uma breve história da fotografia de Carlos Estermann (1898-1976), missionário e etnógrafo, durante os 50 anos que passou no sul de Angola. Em MISSÃO SUDOESTE DE ANGOLA, Carla Osório baseia-se no álbum fotográfico produzido pela missão católica espirítana na região da Huila, composto por mais de 40 imagens. Estas fotografias são observadas, analisadas e comentadas numa perspetiva decolonial pela antropóloga Rosa Melo, descendente dos Handa, grupo étnico do sudoeste angolano. A anteceder a exibição dos filmes, é apresentado às 18h00 na livraria Linha de Sombra o livro *Photography in Portuguese Colonial Africa 1860-1975*, que serve de pretexto a esta sessão.

► Terça-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

RESSURGIMENTO DA AGRICULTURA EM TIMOR

de Toby Berwald

Portugal, 1950 - 20 min

OS PESCADORES DE AMANGAU

de Miguel Spiguel

Portugal, 1958 - 15 min

AGUARELAS DA ÍNDIA PORTUGUESA

de Miguel Spiguel,

Portugal, 1959 - 26 min

"FILMES SOBRE TIMOR DE RUY CINATTI"

de Ruy Cinatti

Portugal, 1962 - 23 min / sem som

duração total da projeção: 84 min | M/12

Os filmes que compõem esta sessão trazem-nos imagens de caráter etnográfico captadas durante o período do colonialismo português tardio e documentam o quotidiano dos habitantes de três territórios que se encontravam, nesse período, sob o domínio de Portugal: Goa, Macau e Timor. Em contraponto à natureza mais propagandística dos três primeiros filmes, as imagens captadas em Timor por Ruy Cinatti no início da década de sessenta, são parte de um espólio fundamental de documentação cinematográfica do território timorense, realizado pelo poeta e antropólogo. A anteceder a sessão (às 18h00, na livraria Linha de Sombra) é apresentado o livro *Vento Leste - Luso-Orientalismo(s) nos Filmes da Ditadura*, de Maria do Carmo Piçarra.

► Sábado [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

A STORY FROM AFRICA

de Billy Woodberry

Portugal, 2019 - 33 min

50 ANOS NO SUL DE ANGOLA

de Inês Ponte

Portugal, 2019 - 9 min

A MISSÃO SUDOESTE DE ANGOLA: AFINAL QUEM NOS DEFINE?

de Carla Osório

Portugal, 2022 - 23 min

duração total da projeção: 65 min | M/12

NOS 25 ANOS DA AIP

A Cinemateca com a Associação de Imagem Portuguesa

No contexto do 25º aniversário da Associação de Imagem Portuguesa (AIP), associação que reúne muitos dos diretores de fotografia e assistentes de câmara a trabalhar em Portugal, a Cinemateca apresenta de setembro a dezembro uma seleção de obras produzidas nos últimos 20 anos no nosso país que se contam entre as mais representativas do trabalho dos respetivos diretores de fotografia. Em outubro mostramos a contributo artístico de três importantes diretores de fotografia em outros tantos filmes portugueses: Carlos Lopes (SÃO JORGE, de Marco Martins), Leonardo Simões (VITALINA VARELA, de Pedro Costa) e Mário Castanheira (TARDE DEMAIS, de José Nascimento).

► Sexta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SÃO JORGE

de Marco Martins

com Nuno Lopes, Mariana Nunes, David Semedo, José Raposo, Beatriz Batarda, Jean-Pierre Martins, Gonçalo Waddington

Portugal, 2016 - 112 min | M/16

COM A PRESENÇA DE MARCO MARTINS E CARLOS LOPES

Jorge, *boxeur*, desempregado, corre o risco de perder o seu filho e a sua mulher, quando esta decide regressar ao Brasil. Em desespero, aceita trabalho numa empresa de cobranças difíceis. Ironicamente, Jorge passa a intimidar aqueles que, como ele, se veem a braços com dívidas que não conseguem pagar. Impele-o a fé numa vida melhor para a sua família, mesmo quando se vê empurrado para um caminho de marginalidade. Distinguido em Veneza com o prémio de melhor ator para Nuno Lopes (presença habitual no cinema de Marco Martins), SÃO JORGE surgiu como um retrato cru e desencantado do efeito social da crise económica em Portugal daqueles anos (a qual originou vários filmes que poderão ser um dia reunidos num ciclo sobre o “cinema da troika”).

► Sexta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VITALINA VARELA

de Pedro Costa

com Vitalina Varela, Ventura, Manuel Tavares Almeida, Francisco Brito, Imídio Monteiro, Marina Alves Domingues

Portugal, 2019 - 124 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE PEDRO COSTA E LEONARDO SIMÕES

Vitalina Varela surge no cinema de Pedro Costa em CAVALO DINHEIRO (2014) e esta última longa-metragem do realizador tem o nome da atriz. Resultando do trabalho implicado no diálogo entre os dois, o filme (Leopardo de Ouro e Leopardo para melhor atriz em Locarno 2019) conta a história de uma mulher cabo-verdiana de 55 anos que

chega a Portugal três dias após o funeral do marido ao cabo de 25 anos à espera do seu bilhete de avião. A força de Vitalina Varela no filme construído a partir da sua própria experiência, participa de um conto de resistência “maior que a vida” em que sobrelevam a concentração e a densidade. Tudo se passa num subúrbio de Lisboa, que pode ser de estúdio, com uma ida a Figueira das Naus, Ilha de Santiago, no regresso do cinema de Pedro Costa à paisagem de Cabo Verde depois da viagem iniciada em CASA DE LAVA (1994).

► Quarta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TARDE DEMAIS

de José Nascimento

com Adriano Luz, Vítor Norte, Nuno Melo

Portugal, 2000 - 95 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JOSÉ NASCIMENTO E MÁRIO CASTANHEIRA

Um grupo de pescadores sofre um acidente em pleno rio Tejo, ficando isolado num pequeno mouchão. Com Lisboa em fundo, TARDE DEMAIS retrata o desespero daqueles homens para quem a salvação parece estar tão perto mas também tão longe. O argumento do filme, coescrito por Nascimento e João Canijo, partiu de um acidente verídico. “Contra o passado mistificado era possível contar esta tragédia absurda: pescadores que morrem no Mar da Palha, diante de Lisboa, sem socorro, a cinco anos do ano 2000. Há qualquer coisa de político neste meu gesto, sem nunca ter precisado de cair na mensagem, no panfleto” (José Nascimento).

O CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS

Em nova sessão do Ciclo dedicado ao centenário do cinema de animação português, que iniciámos em janeiro em colaboração com a MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa, mostram-se em outubro um conjunto de quase duas dezenas de curtas (algumas delas curtíssimas) metragens que utilizam um registo não-figurativo. A sessão serve também de apresentação em Portugal do Punto y Raya, conceituado festival especializado em animação abstrata, que se realiza este ano em Portugal numa colaboração com a MONSTRA.

► Quarta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA ANIMAÇÃO PORTUGUESA ABSTRATA

VIA

de Maria Constanza Ferreira
Portugal, 2018 – 6 min

LATTICE

de Maria Constanza Ferreira
Portugal, 2017 – 3 min

TROADA

de Vitor Hugo Rocha
Portugal, 2022 – 3 min

LE PLAISIR DU MOUVEMENT – II

de José-Manuel Barata Xavier
Portugal, 2018 – 1 min

6 ESSAYS SUR LE MOUVEMENT – (1, 2 E 5) + MIFA

de José-Manuel Barata Xavier
Portugal, 2020 – 2 min

(UN)EVENNESS

de Pedro Ferreira
Portugal, 2016 – 3 min

ZASMAZANY FILM

de Pedro Ferreira
Portugal, 2013 – 5 min

ALENTO

de Leonor Pacheco
Portugal, 2022 – 4 min

HEAD TAIL RAIL

de Hugo Olim
Portugal, 2013 – 7 min

DECIPRE

de Yue Wang, Bruno Santos,
Gonçalo Encarnação
Portugal, 2014 – 2 min

4 ESTADOS DA MATÉRIA

de Miguel Pires de Matos
Portugal, 2018 – 13 min

TOM TOM

de João Levezinho
Portugal, 2018 – 3 min

LINEAREA

de IDRIOEMA
Portugal, 2019 – 2 min

FROM THE BOWELS

de Anabela Costa
Portugal, 2021 – 6 min

TESSERACT

de João Pedro Oliveira
Portugal, 2017 – 9 min
duração total da projeção: 69 min | M/12



LINEAREA

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE DEBATE

Em outubro, a sessão dedicada ao centenário do cinema de animação português, organizada em colaboração com a MONSTRA, traz-nos uma seleção de curtas-metragens experimentais que exploram, das mais diversas maneiras, a abstração visual. Em VIA, Maria Constanza Ferreira investiga a maneira como nos relacionamos com o mundo através de imagens digitais, recolhendo, analisando e animando milhares de imagens de satélite. As imagens, que inicialmente identificamos como estradas de vários pontos do mundo, multiplicam-se e metamorfoseiam-se tornando-se, gradualmente, mais abstratas e indecifráveis. Em LATTICE, a realizadora toma como ponto de partida as imagens microscópicas de cristais de ácido ascórbico (vitamina C), criando uma espécie de paisagem abstrata em constante mutação, na qual se desenham “ondas iridescentes, jardins geométricos e dunas de areia em espiral”. No filme de Vitor Hugo Rocha, TROADA, o ciclo das várias estações do ano é subitamente interrompido pela tempestade e os efeitos psicadélicos. Em TOM TOM, João Levezinho procura superar os limites do mundo físico através da abstração numa obra imersiva. Já em UN(EVENNESS), Pedro Ferreira representa a origem, a evolução e o destino do universo através da animação: a água ondula ao som de vibrações, divide-se e multiplica-se num processo sistémico de destruição e renascimento. 4 ESTADOS DA MATÉRIA é um filme construído em diversas camadas, uma obra desenvolvida em quatro atos, cada um deles com um universo sonoro e gráfico

distinto, e dedicado aos vários estados da matéria (sólido, líquido, gasoso e plasma). Em LE PLAISIR DU MOUVEMENT – II, os desenhos em papel de José-Manuel Barata Xavier ganham vida (e movimento) através de um *flipbook*. O realizador prossegue os seus estudos sobre a relação entre o desenho e o movimento com a série 6 ESSAYS SUR LE MOUVEMENT. DECIPRE explora o que acontece quando a linha quebra a sua linearidade e mostra o seu potencial, construindo formas multidimensionais. Já em LINEAREA, é explorada a evolução e mutação de um ponto até que este se transforma numa linha. Em TESSERACT, somos levados numa viagem pelas várias faces de um cubo, à medida que ele se transforma num tesseracto (o equivalente a um cubo com quatro dimensões) através de diferentes processos (tradução, rotação, fragmentação, explosão e implosão). ZASMAZANY FILM é uma espécie de filme-colagem, em que o realizador explora as potencialidades do digital para “criar novas interpretações, repetição e *loop*, manipulando e cruzando os vários suportes”. Em ALENTO, uma forma tenta adormecer, mas é constantemente aprisionada em ciclos viciosos de loucura abstrata. Segue-se HEAD TAIL RAIL, filme que parte das imagens invisíveis dos filmes em película de 35mm: a zona das perfurações, as linhas que traçam o som ótico; um trabalho que resulta de um processo de recuperação (das bobines deixadas em cinemas abandonados), destruição (desses rolos), e reconstrução. A abrir a sessão haverá uma apresentação do Punto y Raya, festival dedicado à animação abstrata que se realiza este ano pela primeira vez em Portugal.

ANTE-ESTREIAS

Dois conjuntos de curtas-metragens preenchem a rubrica de ante-estreias em outubro. A primeira é composta por uma seleção de 25 obras filmadas em formato Super 8 expressamente para serem exibidas no festival Straight 8 em Londres e que tiveram a sua primeira apresentação no passado mês de junho; a segunda mostra quatro curtas recentemente produzidas pela Terratrema.

► Quarta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

25 CURTAS-METRAGENS STRAIGHT 8

de vários realizadores
duração total da projeção: 75 min | legendados em português | M/16

COM A PRESENÇA DE VIEIRA VASCO

Uma sessão com os melhores filmes apresentados no festival de cinema londrino Straight 8 dedicado ao formato do Super 8. A sessão inclui 25 filmes de 3 minutos cada, oriundos de todo o mundo e filmados num único cartucho de película Super 8 (o regulamento do festival impede qualquer montagem posterior à filmagem). A sessão conta com a presença de Vieira Vasco, realizador português e agora colaborador do Straight 8, que é autor da curta-metragem PERSONAE, selecionada pelo júri deste ano para o top 25 do festival. PERSONAE é uma história catártica sobre o processo de escrita de um argumento – neste caso precisamente referente à competição deste ano. Através de técnicas clássicas do género de terror, Vieira Vasco explora a sua própria mente, criatividade e imaginação numa narrativa que nos confunde e nos permite viajar até ao génesis da existência das suas personagens e do que o/as atormenta.

► Sexta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

QUATRO CURTAS-METRAGENS DA TERRATREMA

TIMKAT

de Ico Costa
Portugal, 2021 – 13 min

NEVOEIRO

de Daniel Veloso
com João Patrício, Sofia Marques, John Romão
Portugal, 2015 – 15 min

POR A TUA TESTEMUNHA

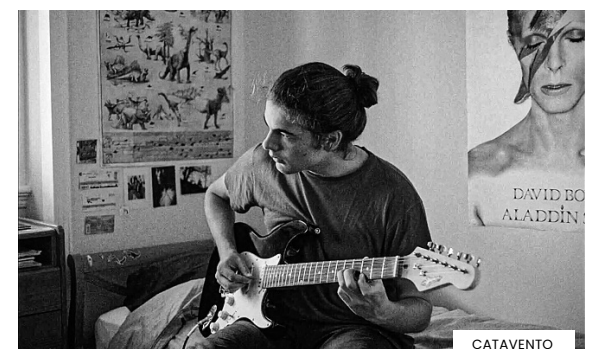
de João Pupo
com Fernando Rodrigues, Manuel Almeida e Sousa,
Paula Só, David Pereira Bastos
Portugal, 2018 – 18 min

CATAVENTO

de João Rosas
com Francisco Melo, Francisca Alarcão, Rita Poças,
Simão Márcia, Beatriz Forjaz
Portugal, 2020 – 40 min

duração total da projeção: 86 min | M/12

Uma sessão composta por quatro curtas-metragens



CATAVENTO

produzidas pela Terratrema. O primeiro filme a ser exibido, TIMKAT é um documentário sobre a homónima celebração realizada todos os anos para comemorar o batismo de Cristo no rio Jordão. Segue-se o filme de Daniel Veloso, NEVOEIRO, uma adaptação livre do conto de Mário Dionísio, *Nevoeiro na Cidade*. A história desenrola-se em 1943, em Lisboa, período em que é instituído o racionamento de bens, e milhares de operários se insurgem contra os baixos salários. Neste cenário, dois militantes antifascistas preparam-se para organizar uma greve, mas à medida que o dia avança, começam a surgir várias contradições. POR A TUA TESTEMUNHA é a história de Ivo Moura, um homem com um propósito bem claro, mas cuja natureza o desvia do seu caminho. Por fim, CATAVENTO é um *coming of age* que acompanha o verão de Nicolau, um rapaz indeciso que enfrenta as dúvidas típicas de um miúdo da sua idade: que curso seguir e que rapariga escolher para sua namorada. Nicolau vai navegando nestas incertezas, tendo como única bússola as raparigas por quem se vai apaixonando, e com quem vai imaginando vários futuros possíveis.

DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIVISUAL

A Cinemateca volta a celebrar o Dia Mundial do Património Audiovisual, sempre comemorado pelos membros da FIAF – Federação Internacional dos Arquivos de Filmes a 27 de outubro. Assim se evoca a data em que, na Assembleia Geral de Belgrado em 1980, a UNESCO adotou a *Recomendação para a Salvaguarda e a Conservação das Imagens em Movimento*. Em 2023, comemoramos a data com um grande clássico, SPELLBOUND, de Alfred Hitchcock, a exibir em versão restaurada.



LE CRIME DE MONSIEUR LANGE



SPELLBOUND



SALON KITTY

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável”
(João Bénard da Costa)

► Terça-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE CRIME DE MONSIEUR LANGE

de Jean Renoir

com René Lefèvre, Jules Berry, Florelle, Sylvia Bataille

França, 1935 - 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

► Sexta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SPELLBOUND

A Casa Encantada

de Alfred Hitchcock

com Gregory Peck, Ingrid Bergman, Leo G. Carroll, John Emery, Michael Chekhov

Estados Unidos, 1945 - 111 min / legendado em português | M/12

SPELLBOUND marca o encontro de Hitchcock com Gregory Peck e Ingrid Bergman. O filme foi “acusado” de excesso de psicanálise, e foi um dos mais discutidos Hitchcock, havendo no entanto quem o defenda como aquele em que o realizador deu mais chaves sobre si próprio. Bergman é uma psicanalista, Peck é um seu paciente, que se fez passar pelo médico que é acusado de ter matado. E à volta disto, uma bela história de amor que corre paralela a uma incursão pelos labirínticos meandros da psicanálise, com uma sequência de antologia: o sonho de Gregory Peck, encenado por Salvador Dalí. SPELLBOUND não é apresentado na Cinemateca desde 2015. A exibir em cópia digital restaurada.

A única colaboração de Jacques Prévert com Renoir resultou numa das grandes e ousadas obras-primas do realizador, no seu período mais fecundo. O filme é politicamente ousado, pois Monsieur Lange mata o (simpaticíssimo) patife que roubara o dinheiro de uma pequena editora em cooperativa e é inocentado por aqueles a quem conta o seu crime. E é formalmente ousado, pois é um objeto cinematográfico livre e solto, que não obedece a regras pré-estabelecidas, um exemplo entre muitos da riquíssima “imperfeição” do cinema de Renoir. A música é de Jean Wiéner. “Basta ver a fluidez com que são filmadas as cenas coletivas em Renoir. Almoços, reuniões onde as personagens cortam a palavra umas às outras, onde os diálogos se cavalgam, para reduzir a pó as críticas sobre a sua técnica” (Bertrand Tavernier). A apresentar em cópia digital.

O QUE QUERO VER

Uma obra icónica dos anos 70, “esses desconhecidos”, como o título de um Ciclo de há sensivelmente uma década, num “que quero ver” especial: o filme vindo da “caixa de sugestões” para este mês é um presente de um espectador habitual para um grupo de jovens espectadores que têm imprimido a sua marca na Cinemateca no último ano. Para que possam ver, em projeção, o Tinto Brass de muitas conversas à volta de cinema.

► Terça-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SALON KITTY

Salon Kitty, o Bordel dos Nazis

de Tinto Brass

com Helmut Berger, Ingrid Thulin, Teresa Ann Savoy

Itália, 1975 - 124 min / legendado em português | M/14

Título da filmografia *sexploitation* de Tinto Brass, conhecido pelo seu trabalho no cinema erótico, de que o mais célebre exemplo é, além deste filme, CALIGULA (1979). O fundo de SALON KITTY é a Alemanha nazi: em Berlim, 1939, um oficial recebe a incumbência de fechar o bordel de Madame Kitty e abrir um estabelecimento sob o comando dos nazis chamado Salon Kitty, para o que treina um grupo de mulheres alemãs pretendendo levar a cabo uma série de grotescas experiências sexuais. Um dos mais famigerados títulos dessa subcorrente do *sexploitation* que, nos anos 1970, ficou conhecida como *nazisplotation*. A apresentar em cópia digital.

IMAGENS EM MOVIMENTO – CINEMA PORTUGUÊS EM DIÁLOGO

No contexto da intensa atividade de digitalização de filmes portugueses da época analógica atualmente em curso (na maior parte com suporte do PRR-Plano de Recuperação e Resiliência, mas também no âmbito do projecto FILMar /EEAGrants, antes iniciado), a Cinemateca tem incrementado a sua presença em outros locais do território nacional, dando a conhecer património e dialogando sobre o potencial de difusão gerado por estes novos suportes. Em particular, o projeto FILMar tem desenvolvido, desde 2021, uma programação intensa e diversificada em parceria com festivais, museus, cineclubes e outras entidades culturais, tanto nacional como internacionalmente. Agora, complementando e generalizando o que está a ser feito nessa área específica, e acompanhando o decorrer dos trabalhos de digitalização feitos no quadro PRR, lançamos o IMAGENS EM MOVIMENTO, um projeto de disseminação e ativação cultural que apoiará iniciativas locais de programação de cinema português, a decorrer entre 2023 e 2024, em todo o país, cultivando sementes para uma relação continuada entre este património e as comunidades. Os contornos gerais da iniciativa serão divulgados no início desta sessão, na qual exibiremos a cópia digital de ROSA DE AREIA, derradeiro filme da dupla António Reis/Margarida Cordeiro, que nunca chegou a ter distribuição comercial no país, e que teve antestreia na Cinemateca, há 34 anos, a 10 de outubro de 1989.

► Segunda-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ROSA DE AREIA

de António Reis, Margarida Cordeiro

com Ana Umbelina, Balbina Ferro, Cristina de Jesus,

Lia Nascimento, António Reis, Artur Semedo,

Fernando Lopes, Constança Capdeville

Portugal, 1989 - 88 min | M/12

Para uns sinal de uma possível inflexão, para outros aprofundamento e apogeu da curta obra de Reis ou do par Reis/Cordeiro, ROSA DE AREIA pode bem ser exemplo do potencial de redescoberta que muito cinema português encerra. Se a história da receção deste filme não foi muito diferente do que aconteceu com os títulos precedentes dos mesmos autores, o seu destino a prazo foi certamente mais ingrato, com essa exclusão do circuito de distribuição e o olvido que sobre ele foi caindo. A obra é uma peregrinação por Portugal, como lugar de mito e como lugar mítico, peregrinação também entre o “crepúsculo inicial da História” e a “aurora final”, num círculo que é, como a rosa de areia, uma das metáforas mais constantes dela. Denotando, em múltiplos momentos, o fulgor instintivo das obras anteriores, este foi o gesto cinematográfico mais extremo da dupla, em que todos os elos (por ocasionais ou ilusórios que fossem) de uma ordem narrativa e de significação tradicional eram à partida eliminados, para se ir ainda mais longe no trabalho das formas e nas relações-oposições de sentido que no seu seio se desenvolviam. João Bénard da Costa falou dele como “um filme sobre o ar e os sonhos, as flores e as árvores, o fogo e pedra, o céu e a montanha, a luz e o som”, e não hesitou em chamar-lhe “uma das grandes obras fundadoras e fundamentais que o cinema já nos deu”. Estando (como toda a obra dos autores e como a generalidade do cinema português analógico) preservado no suporte de 35mm original, é agora exibido, tendo em conta o contexto em questão, em cópia digital.

A anteceder esta sessão, um outro momento de homenagem ao cinema português ocorrerá no mesmo dia, pelas 18h30, na sala M. Félix Ribeiro, com programa a anunciar.

02 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

THE FRENCH CONNECTION
de William Friedkin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR
de Hervé Guibert

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

SORCERER
de William Friedkin

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

CRUISING
de William Friedkin

03 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

THE EXORCIST
de William Friedkin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM JANE BIRKIN

JANE B. PAR AGNÈS V.
de Agnès Varda

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

CONVERSATION WITH FRITZ LANG
de William Friedkin

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

L'HOMME BLESSÉ
de Patrice Chéreau

04 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

LES SOEURS BRONTË
de André Téchiné

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM JACQUES ROZIER

DU CÔTÉ D'OROUËT
de Jacques Rozier

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM JANE BIRKIN

JANE B. PAR AGNÈS V.
de Agnès Varda

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

PROGRAMA DE CURTAS-METRAGENS STRAIGHT 8
de vários realizadores

06 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

UN BEAU SOLEIL INTÉRIEUR
de Claire Denis

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 25 ANOS DA AIP

SÃO JORGE
de Marco Martins

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

CONVERSATION WITH FRITZ LANG
de William Friedkin

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN



RAMPAGE
de William Friedkin

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)
Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h
Sábados 14h-21h30

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis:

Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes

(consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

07 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA

WALLACE & GROMIT
de Nick Park, Jeff Newitt, Peter Lord,
Richard Goleszowski

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SÁBADOS CLÁSSICOS

LOS OLVIDADOS
de Luis Buñuel

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR
de Hervé Guibert

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

THE EXORCIST
de William Friedkin

09 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

L'HOMME BLESSÉ
de Patrice Chéreau

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

HLOSHA YAMIM VAYELED
"Três Dias e uma Criança"
de Uri Zohar

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

KILLER JOE
de William Friedkin

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

TARGIL BESMALIM PSHUTIM
"Variações de Símbolos Simples"

HOR BA LEVANA
"Um Buraco na Lua"
de Uri Zohar

10 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

LES SOEURS BRONTË
de André Téchiné

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES:
OS FANTASMAS DO ÍNTIMO

UN BEAU SOLEIL INTÉRIEUR
de Claire Denis

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

KOL MAMZER MELECH
"Cada Sacana, Um Rei"
de Uri Zohar

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

HATARNEGOL
"O Galo"
de Uri Zohar

11 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

TO LIVE AND DIE IN L.A.
de William Friedkin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O CENTENÁRIO DO CINEMA DE
ANIMAÇÃO PORTUGUÊS

PROGRAMA DE CURTAS-METRAGENS
de vários realizadores

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA



HA'TZAD HASHENI
"O Outro Lado"

EYNAIM GDOLOT
"Olhos Grandes"
de Uri Zohar

12 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

HATZILU ET HAMATZIL
"Ajudem o Salva-Vidas"
de Uri Zohar, Itzik Kol

18H00 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA



CONFERÊNCIA POR ARIEL SCHWEITZER

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM JACQUES ROZIER

DU CÔTÉ D'OROUËT
de Jacques Rozier

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

METZIZIM
"Os Voyeurs"
de Uri Zohar

13 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA
ISRAELITA

HLOSHA YAMIM VAYELED
"Três Dias e uma Criança"
de Uri Zohar

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 25 ANOS DA AIP

VITALINA VARELA
de Pedro Costa

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

TARGIL BESMALIM PSHUTIM
"Variações de Símbolos Simples"

HOR BA LEVANA
"Um Buraco na Lua"
de Uri Zohar

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

PROGRAMA DE CURTAS-METRAGENS - TERRATREME
de vários realizadores

14 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA

TARZAN FINDS A SON!
de Richard Thorpe

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SÁBADOS CLÁSSICOS

UNE FEMME DOUCE
de Robert Bresson

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA

A STORY FROM AFRICA
de Billy Woodberry

50 ANOS NO SUL DE ANGOLA
de Inês Ponte

**A MISSÃO SUDOESTE DE ANGOLA: AFINAL QUEM NOS
DEFINE?**

de Carla Osório

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

LOOL
"Galinheiro"
de Uri Zohar e Boaz Davidson

16 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

SORCERER
de William Friedkin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

TO LIVE AND DIE IN L.A.
de William Friedkin

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

HATARNEGOL
"O Galo"
de Uri Zohar

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

CRUISING
de William Friedkin

17 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

RAMPAGE
de William Friedkin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN

THE FRENCH CONNECTION
de William Friedkin

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

METZIZIM
"Os Voyeurs"
de Uri Zohar

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

LE CRIME DE MONSIEUR LANGE
de Jean Renoir

18 QUARTA-FEIRA15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**KILLER JOE**
de William Friedkin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 25 ANOS DA AIP

TARDE DEMAIS
de José Nascimento19H30 | SALA LUÍS DE PINA | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**BUG**
de William Friedkin22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA**HA'TZAD HASHENI**
"O Outro Lado"**EYNAIM GDOLOT**
"Olhos Grandes"
de Uri Zohar**19 QUINTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PASSAIC TEXTILE STRIKE
de Samuel Russak

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "TORNANDO-SE UMA CÂMARA:
EXPERIÊNCIAS FORMAIS NA E COM A REALIDADE DO
FILME"**
de vários realizadores19H30 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA**SHABLUL**
"Caracol"
de Boaz Davidson, Uri Zohar

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RÚSSIA: SEGODNYA"
SEGODNYA**
"Hoje (Canhões ou Tratores)"
de Esfir Schub**20 SEXTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RÚSSIA: O CAMINHO PARA A PRISÃO
[RECREIAÇÃO]"**
de vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "UMA NOVA ESPERANÇA?"
de vários realizadores19H30 | SALA LUÍS DE PINA | URI ZOHAR
INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA**HATUNA BEYERRUSHLAIM**
"Casamento em Jerusalém"
de Uri Zohar**URI ZOHAR KHOZER**
"Uri Zohar - o Regresso"
de Dani Rosenberg e Yaniv Segalovich21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA
**PROGRAMA "GUERRAS DE INFORMAÇÃO AO ESTILO DOS
ANOS 30"**
de vários realizadores**21 SÁBADO**15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA**THE JUNGLE BOOK**
de Wolfgang Reitherman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

ANDROMEDA
de Luciana Fina

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "FACTOS DRAMÁTICOS PARA TEMPOS
DRAMÁTICOS..."**
de vários realizadores21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA
**PROGRAMA "THE PLOW: PROPAGANDISTAS DE TODO O
MUNDO, UNI-VOS! [RECREIAÇÃO]"**
de vários realizadores**23 SEGUNDA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA: "THE PLOW: LORENTZ & VIDOR"
de vários realizadores

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**MESA-REDONDA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA:
CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL**

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RÚSSIA:
O CAMINHO PARA A PRISÃO [RECREIAÇÃO]"**
de vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "THE WORLD TODAY & REDES [RECREIAÇÃO]"
de Emilio Gómez Muriel, Fred Zinnemann**24 TERÇA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "ESTA MÁQUINA MATA FASCISTAS: AS DUAS
FRENTES DA GUERRA DE IVENS"**
de Joris Ivens

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "ESTA MÁQUINA MATA FASCISTAS:
NOVAS FRONTEIRAS"**
de vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "THE WORLD TODAY & REDES [RECREIAÇÃO]"
de Emilio Gómez Muriel, Fred Zinnemann

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "UM RIO QUE PASSA"
de vários realizadores**25 QUARTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "ESTA TERRA É A NOSSA TERRA"
de vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS"
de vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

CRISIS: A FILM OF 'THE NAZI WAY'
de Herbert Kline, Hans Burger,
Alexander Hackenschmied

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "UMA CASA NÃO É UM LAR"
de vários realizadores**26 QUINTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

PROGRAMA "SAÚDE: UM MELODRAMA"
de vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

NATIVE LAND
de Leo Hurwitz, Paul Strand

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

"PROGRAMA: CALMA NA TEMPESTADE"
de vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

CRISIS: A FILM OF 'THE NAZI WAY'
de Herbert Kline, Hans Burger,
Alexander Hackenschmied**27 SEXTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RESSONÂNCIAS DURADOURAS: DAS LIED
DER STRÖME"
DAS LIED DER STRÖME**
"O Canto dos Rios"
de Joris Ivens19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO
AUDIVISUAL**SPELLBOUND**
de Alfred Hitchcock

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

NATIVE LAND
de Leo Hurwitz, Paul Strand

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RESSONÂNCIAS DURADOURAS: STRANGE
VICTORY"
STRANGE VICTORY**
de Leo Hurwitz**28 SÁBADO**11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA DA CINEMATECA
CINEMATECA JUNIOR | OFICINA**FILMAR O MUNDO COM OLHOS DE VER**15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA**KING KONG**
de Merian C. Cooper, Ernest B. Schoedsack

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RESSONÂNCIAS DURADOURAS:
CONTINUIDADE E MUDANÇA"**
de vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RESSONÂNCIAS DURADOURAS: STRANGE
VICTORY"
STRANGE VICTORY**
de Leo Hurwitz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

**PROGRAMA "RESSONÂNCIAS DURADOURAS: OLHOS
SELVAGENS E ALEGRES"**
de vários realizadores**30 SEGUNDA-FEIRA**15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**THE HUNTED**
de William Friedkin18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IMAGENS EM MOVIMENTO
- CINEMA PORTUGUÊS EM DIÁLOGO**PROGRAMA A ANUNCIAR**19H30 | SALA LUÍS DE PINA | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**THE BOYS IN THE BAND**
de William Friedkin21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IMAGENS EM MOVIMENTO
- CINEMA PORTUGUÊS EM DIÁLOGO**ROSA DE AREIA**
de António Reis e Margarida Cordeiro**31 TERÇA-FEIRA**15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**BUG**
de William Friedkin19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SANGUE E NERVO:
O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**THE BOYS IN THE BAND**
de William Friedkin

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA

RESSURGIMENTO DA AGRICULTURA EM TIMOR
de Toby Berwald
OS PESCADORES DE AMANGAU
de Miguel Spiguel
AGUARELAS DA ÍNDIA PORTUGUESA
de Miguel Spiguel
"FILMES SOBRE TIMOR DE RUY CINATTI"
de Ruy Cinatti

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER

SALLON KITTY
de Tinto Brass**PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES**

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Sessões Cinemateca Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h - 22h (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01h

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt